

Publicações à Disposição das Igrejas:

Estudos em Teologia

Deus e sua Criatura
Jesus Cristo, o Autor da Nossa Fé
A Doutrina Bíblica do Espírito Santo
A Doutrina Bíblica da Igreja
A Bíblia, Mensagem de Deus Escrita para o Homem
O Pecado e a Salvação

Estudos Textuais

Estudos Harmoniosos nos Evangelhos
A Carta aos Efésios
A Primeira Carta de Pedro
A Carta aos Hebreus
O Apocalipse I
O Apocalipse II

Estudos de Auxílio à Vida Cristã

A Doutrina Bíblica da Mordomia
A Doutrina Bíblica da Evangelização
Culto e Adoração
Os Dez Mandamentos
O Sermão do Monte
Família, Presente de Deus para a Humanidade

Estudos Doutrinários

Fundamentos da Nossa Fé
Doutrinas Batistas I
Doutrinas Batistas II

Apresentação

O homem é um ser constituído de corpo e alma. Ou seja, tem em sua constituição total matéria e espírito. Foi criado assim por Deus e, por isso, tem uma consciência de divindade e busca constantemente, através de meios diversos, conhecimento e comunhão com o ser divino.

Tateando por si só, através das trevas do pecado e distanciado da luz divina, o ser humano desenvolveu os mais diversos conceitos a respeito de Deus ou de seres que considera divinos e dividiu-se na prática das mais variadas religiões, sendo inúmeras as que crêem em diversos deuses e algumas que crêem em um único Deus, que seria o criador de todas as coisas.

Modernamente um estranho conceito tem invadido nossas igrejas, o de que o deus adorado por religiões monoteístas, como o islamismo e o catolicismo, seria o mesmo Deus a quem servimos e adoramos. No entanto, não é o fato de crer na existência de um único deus, criador de todas as coisas, que faz de uma pessoa um adorador do Deus verdadeiro.

É necessário que Deus seja conhecido conforme se revelou nas Escrituras, sob todos os aspectos que nos fez conhecer, para que possa ser adorado verdadeiramente e para que seja servido de fato, dentro dos princípios estabelecidos por ele.

É no propósito de auxiliar as igrejas de Cristo no conhecimento desse Deus verdadeiro e de possibilitar um relacionamento mais perfeito da criatura com o Criador, que editamos estes estudos e colocamos à disposição dos crentes em Cristo Jesus, contando mais uma vez com a valiosa colaboração do Pr Delcyr de Souza Lima que nos auxiliou escrevendo os dois últimos estudos.

Pastor Dinelcir de Souza Lima
Diretor -Geral

Sumário

Estudo 1 - Quem é Deus?.....	3
Estudo 2 - A Santidade de Deus I.....	7
Estudo 3 - A Santidade de Deus II.	11
Estudo 4 - A Espiritualidade e a Forma de Deus	15
Estudo 5 - A Soberania de Deus	19
Estudo 6 - Deus, o Ser Soberano que Deseja Ser Conhecido	23
Estudo 7 - A Natureza Trina de Deus	27
Estudo 8 - O Nome de Deus	31
Estudo 9 - O Homem, Uma Criatura Especial de Deus	35
Estudo 10 - O Homem, Um Ser Criado à Imagem e Semelhança de Deus	39
Estudo 11 - O Homem, Um Ser Moral	43
Estudo 12 - O Homem, Um Ser Social	47
Estudo 13 - O Homem, Um Ser Individual	51

PARA COMPLEMENTAR SEUS estudos
a respeito DA PESSOA DE DEUS,
LEIA TAMBÉM

**JESUS CRISTO, O AUTOR
DA NOSSA FÉ**

E

**A DOCTRINA BÍBLICA DO
ESPÍRITO SANTO**

Ligue para:

(21) 2404-1279; 9735-3947

peessoas. Ele conviveu com publicanos, classe rejeitada e odiada pela sociedade e enfrentou a acusação dos fariseus porque aceitou o banquete de um deles (Mt 9.9-13); evangelizou pessoalmente uma mulher samaritana (Jo 4.1-42); abençoou à estrangeira cananéia (Mt 15.21-28) e ordenou aos discípulos que pregassem o evangelho indo até os confins da terra (Atos 1.8).

CONCLUSÃO

Não podemos cair no engano da ação social, nem do evangelho social, em prejuízo da evangelização de cada pessoa. Se virmos a sociedade como um todo, desprezando o indivíduo, trabalharemos para transformar a sociedade como um todo ao invés de anunciarmos a salvação a cada um. A Bíblia não contém qualquer ensinamento a respeito de a sociedade inteira ser transformada pela ação social da igreja. Isso é utopia, é romantismo fútil. Enquanto olhamos para as massas humanas, perdemos os indivíduos que vão um a um sendo levados à perdição eterna. Ao contrário, se olharmos para o indivíduo como tendo mais valor que o próprio mundo, nos dedicaremos à evangelização pessoal e, de um em um o evangelho de Jesus Cristo continuará sendo espalhado sobre

a face da terra como uma avalanche que começa com um seixo e vai se agigantando por onde quer que passe.

Também não podemos fazer acepção de pessoas em nossas igrejas e em qualquer outro lugar. Como indivíduos somos todos valiosos para Deus e devemos nos considerar assim também uns para os outros. Considerando-nos iguais e valiosos em igualdade para Deus, seremos impulsionados ao amor fraternal e à preocupação com as almas perdidas, impulsionando com naturalidade e vigor a obra de testemunho pessoal a respeito de Cristo Jesus e a obra de missões por todo o mundo, anunciando Jesus como o Filho de Deus que veio ao mundo para salvar a cada um de per si, até formar a multidão celestial incontável que foi vista pelo apóstolo João em sua visão do reino dos céus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mt 12.10-13

Terça - Jo 5.1-15

Quarta - Lc 15.3-7

Quinta - Lc 19.1-10

Sexta - Mc 16.1-16

Sábado - Jo 8

Estudo 1

QUEM É DEUS?

Texto básico: Gênesis 1

O termo **Deus** que usamos para designar o ser supremo que adoramos vem do grego *Theos* e serve, também, para traduzir geralmente as expressões *El*, *'Elohim* e *Elyon* do hebraico que eram as designações mais comuns do Deus único, eterno e criador, cujo nome pessoal é *Yahweh*.

Desde os primórdios do cristianismo tem sido um termo mal empregado por muitos que desconhecem ou rejeitam a existência do Deus verdadeiro, como é o exemplo de adeptos das idéias de Platão que pensava em Deus como sendo a mente eterna, a causa do bem na natureza. Outros definiam Deus como sendo a existência completa de todo ser e que cada ser seria apenas uma derivação dele. Filósofos mais modernos também empregaram o termo de forma errada, tais como Fichte, para quem Deus era apenas a ordem moral do universo; ou como Hegel que considerava Deus o espírito absoluto porém sem consciência, até que se torne consciente na razão e pensamentos do homem; ou, ainda,

Augusto Comte, para quem Deus era a própria humanidade ou sociedade na sua amplitude.

Hoje continuam existindo as mais diversas idéias a respeito de Deus no meio chamado cristão e, até mesmo, no meio chamado evangélico. Há os que pensam que Deus tem uma mãe, outros que pensam que Deus é a natureza, outros que pensam que Deus é um ser completamente transcendente (distantiado de tudo). Outros, ainda, pensam que é somente um poder espiritual imanente no universo e uma força criadora em forma de energia.

Enfim, não há verdade na expressão tão corriqueira de que o nosso Deus é o mesmo Deus de todas as pessoas. Quem é Deus, de fato?

DEUS É O SER ETERNO

Gên 21.33; Isa 40.28; Sal 90.2

Esta é a primeira característica do Deus verdadeiro e é uma característica que é peculiar a ele somente. Deus não é **um** ser eterno, mas é **o** ser eterno. Ele é único. Não tem princípio nem terá fim; sempre

existiu e sempre existirá. Não há qualquer outro ser no universo que seja como Deus, porque mesmo que passem a ter uma existência sem fim, um dia foram criados, tiveram um princípio. Assim são os seres celestiais (mesmo os que caíram); assim são os seres humanos. Suas existências se prolongarão pela eternidade, porém em alguma época tiveram um princípio. Mas Deus não é assim. Ele é eterno. Os patriarcas sabiam disso. Abraão, seus descendentes, Moisés, os profetas, os apóstolos, adoravam e serviam ao Deus eterno. O apóstolo Paulo declarou que ele é o único que possui imortalidade (1 Tim 6:16). O próprio Deus declarou sua eternidade a Moisés, quando este perguntou a quem deveria anunciar aos hebreus como seu mandatário e recebeu a seguinte resposta: “EU SOU O QUE SOU. (...) Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.” (Êxodo 3:14).

Uma interessante observação que é feita por Henry Clarence Thiessen, autor de Palestras em Teologia Sistemática, editada pela Imprensa Batista Regular, São Paulo, é que Deus “é a causa do tempo” (pág. 77). Lembra que tanto espaço quanto tempo estão entre as coisas que foram feitas por ele.

DEUS É O SER ONIPRESENTE *Sl 139.7-12; Jer 23.23,24; At 17.27,28*

Deus pode estar, ao mesmo tempo, em todos os lugares do

universo, pode estar junto de cada ser humano, está em cada crente em Cristo. Sua pessoa transcende o espaço e não é restrito a lugares.

Deve-se ter o cuidado, no entanto, para não se pensar como os panteístas ou os naturalistas que crêem que Deus está, necessariamente, em todas as coisas ou em toda a natureza. Também não se pode pensar que Deus está necessariamente em lugares onde as características são contrárias à sua natureza moral. Deus pode interferir, mas não tem que estar, inerte, observando ou sendo obrigado a participar do que não deseja participar (Amós 5.23).

DEUS É O SER ONISCIENTE *Sal 147.5; Prov 15.11; ; Heb 4.13*

Há uma idéia tacanha a respeito da onisciência de Deus: a de que ele é onisciente porque conhece a mente do homem. Alguns até desenvolveram a idéia de que Satanás não conhece a mente do homem porque ele não é onisciente.

Se a onisciência de Deus fosse somente isto, seria muito pouco. Deus é onisciente porque conhece todas as coisas, em todos os lugares e em todos os tempos. Ainda é Thiessen quem diz: “Com onisciência de Deus queremos dizer que ele conhece a si próprio e todas as outras coisas, quer sejam reais ou apenas possíveis, quer sejam passadas, presentes ou futuras, e que

para curar indivíduos desprezíveis aos olhos da sociedade. Com essas atitudes e ações, o Senhor Jesus registrou com clareza o valor do homem como indivíduo, independentemente de seu vínculo com a sociedade, e como alvo do amor, da misericórdia e da providência de Deus.

JESUS ENSINOU A RESPONSABILIDADE PESSOAL DO HOMEM

O ensino de Jesus revela que o homem, como indivíduo, é um ser completo em si mesmo e completamente responsável. O homem é responsável diante dos outros homens e diante de Deus pelas avaliações que faz dos valores, pela consciência que tem de bem e mal, pelas escolhas, decisões, atitudes que assume e ações que pratica e pelas palavras que fala. O fato de ser membro de uma sociedade e de receber dela influências de todo tipo não o isenta de responsabilidade individual pelo que pensa, pelo que fala, pelo que decide, pelo que faz, enfim, pelo rumo que dá à sua vida. Até mesmo a salvação, conquanto só seja possível por causa da graça atuante de Deus, só pode ser alcançada por escolha e decisão do próprio homem como indivíduo. Como exemplos do ensino de Jesus sobre a responsabilidade do homem como indivíduo, basta mencionar os seguintes:

1. O homem é responsável pela sua própria escolha de andar na luz de Jesus ou andar em trevas: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarão em trevas, mas tem a luz da vida (João 8.12); **ser livre ou escravo do pecado:** “todo aquele que comete pecado é servo do pecado”. (Jo 8.34)

2. O homem terá que prestar contas individualmente a Deus até das palavras que profere: “Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado” (Mt 12.36,37).

3. O homem é responsável pela decisão de crer para ser salvo ou de não crer e ser condenado: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer será salvo; mas quem não crer será condenado” (Mr 16.15,16).

JESUS ENSINOU A IGUALDADE DE TODOS OS HOMENS DIANTE DE DEUS

Embora do ponto de vista meramente da convivência humana Jesus possa ser considerado judeu, tendo nascido, crescido e desempenhado seu ministério em ambiente social e religioso altamente exclusivista, ele ensinou a igualdade de todos os homens diante de Deus, não tendo feito nenhuma acepção de

1. Ser discípulo ou não de Jesus, salvar-se ou perder-se, é de responsabilidade individual: “Se alguém quer vir a mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, a perderá; mas qualquer que por amor de mim, perder a sua vida, a salvará. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?” (Lc 9.23-25). Vemos nesta passagem desejos, avaliações, atitudes, decisões e ações que são exclusivamente de pessoas como indivíduos, independentemente da sociedade de que façam parte.

2. Os ensinamentos e as ações do ministério de Jesus visavam aos homens como indivíduos: Alguns exemplos: a) Na parábola da ovelha perdida, o pastor deixa 99 ovelhas no curral e sai em busca de uma só, que se havia perdido (Lc 15.3-7). b) Na parábola do filho pródigo, uma só pessoa é a causa do sofrimento e saudade do pai de família, e, quando resolve arrepender-se e voltar, é a causa de imensa alegria e de festejos (Lc 15.11-32). c) Jesus interrompeu sua caminhada, deu atenção a Zaqueu, hospedou-se em sua casa, e o conduziu ao arrependimento e à salvação (Lc 19.1-10).

3. A ação que Jesus determinou que os seus discípulos desenvolvessem no mundo (a obra missionária) visa a cada pessoa

como indivíduo: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Mr 16.15-16). As expressões desta passagem definem alvos individuais, resultados e conseqüências individuais, deixando claro que Jesus pensava em pessoas individualmente, e não na sociedade como um todo. Sua intenção ao estabelecer a obra missionária era a salvação de indivíduos e não para fazer reformas sociais. Estas podem vir como conseqüência da ação do evangelho, à medida que cresce o número de pessoas regeneradas e se propagam os princípios éticos do evangelho. Mas o objetivo da obra missionária é a salvação de cada pessoa de per si.

4. Jesus desafiou o poder da religião oficial para beneficiar pessoas individualmente. Citamos apenas dois exemplos: o da cura de um homem que tinha uma das mãos mirrada (Mt 12.10-13 e o da cura de um homem que durante 38 anos foi paralisado (Jo 5.1-15). Essas curas ocorreram em dia de Sábado. Embora a quebra do Sábado na sociedade judaica dos dias de Jesus fosse um delito grave, que poderia ser punido até mesmo com a pena de morte, Jesus quebrou o sábado que preceitos de homens, e não de Deus, haviam transformado numa escravidão, invalidando a verdadeira lei de Deus, que é a lei do amor. E o fez

ele as conhece perfeitamente e por toda a eternidade. Ele conhece as coisas imediata, simultânea, completa e verdadeiramente. “(Op. cit., Pág 78)

Talvez o que mais possa caracterizar Deus como o ser onisciente, seja a sua capacidade de conhecer a si próprio de modo total e completo. Quem seria capaz de conhecer Deus em sua totalidade a não ser ele próprio?

DEUS É O SER ONIPOTENTE *Gn 17.1; Mt 19.26; Ap 19.6*

Tiessen lembra que “para o cristão, a onipotência de Deus é uma fonte de grande conforto e esperança” (op. cit. p. 80). E realmente o é. Ser servo daquele que tem todo o poder em todo o universo é algo confortante e maravilhoso. No entanto, deve ser observado que há o outro lado da moeda: para os descrentes, para os que rejeitam Deus e sua soberania, a sua onipotência é sinônimo de pavor porque é a indicação infalível para verdade que um dia todo joelho se dobrará diante dele (Fp 2.10).

Não precisamos ficar a analisar demoradamente o que seria onipotência, uma vez que a expressão é precisa em indicar o seu próprio significado: todo o poder, poder infinito. Deus é o único ser em todo o universo que tem e detém para si todo o poder (Sl 62.11). O poder pertence a ele somente, não

existindo nenhum outro ser em todo o universo que divida o poder com ele, Deus. A onipotência de Deus é manifestada na sua vontade infinita, que é capaz de fazer tudo o que deseja, de criar tudo do nada.

Mas precisamos analisar alguns aspectos dessa onipotência de Deus que tem sido mal compreendida ou mal observada por tantos.

1. A onipotência de Deus não o obriga a fazer coisas que sejam contrárias à sua natureza. Lewis Sperry Chafer, em sua obra de *Teologia Sistemática*, Vol I, editada pela Imprensa Batista Regular, São Paulo, 1986, diz: “A capacidade divina de criar um universo a partir do nada através da vontade é a grande manifestação de poder. Tal poder só pertence a Deus. Ele é capaz de fazer tudo o que deseja, mas ele pode não desejar agir na medida plena de sua onipotência. Sua vontade é dirigida para fins santos e dignos. Ele não pode se contradizer” (pág. 178). Ele não pode mentir (Hb 6.18); ele não pode negar-se a si próprio (2Tm 2.13); ele não pode praticar pecado (Tg 1.13). Se Deus, para provar o seu poder fizesse essas coisas, deixaria de ter a natureza que tem, na qual não pode existir qualquer resquício de malignidade. Tiessen afirma que Deus “pode fazer qualquer coisa que esteja em harmonia com a sua natureza” (p. 79).

2. A onipotência de Deus não o obriga a fazer o que ele não deseja.

Ele deixaria de ser onipotente se fosse obrigado a fazer qualquer coisa ou, até mesmo, se fosse obrigado a deixar de fazer qualquer coisa. O poder de Deus lhe dá a condição de se auto-limitar e isto porque só ele próprio poderia criar limites para si, sendo isto impossível para qualquer outro ser no universo. Aliás, essa é a grande luta de Satanás contra Deus: limitar Deus no seu poder ou desvirtuar o poder de Deus. Essa é a luta que vemos no episódio da criação, mas vemos também ali, Deus mantendo sua onipotência. Sendo onisciente, Deus já sabia que o homem pecaria, mas se deixasse de criar o homem para que este não pecasse, estaria sendo limitado não por si próprio, mas por Satanás que levaria o homem a pecar. Se criasse o homem sem capacidade de escolher suas próprias atitudes, também estaria sendo limitado por Satanás, uma vez que desejava criar um ser que seria à sua imagem e à sua semelhança. O plano de salvação estabelecido por Deus antes mesmo da criação do mundo é uma manifestação da natureza de Deus incomparável. Ele manteve a sua onipotência porque criou o homem e manteve a capacidade de escolha do homem apresentando-lhe duas escolhas consecutivas e conseqüentes: a primeira escolha seria não morrer; e

a segunda escolha (já que o homem escolheu morrer) seria o homem receber de volta a vida. Tanto a soberania onipotente de Deus, quanto a liberdade de escolha do homem foram mantidos na criação e no plano de salvação. Deus só fez o que ele desejou fazer e não deixou de fazer o que queria.

3. A onipotência de Deus é eterna.

Quando ensinava como o servo de Deus deve orar, Jesus declarou que ao Pai pertence o reino, e o poder, e a glória, para sempre (Mat 6.13); o apóstolo Paulo, escrevendo sua carta aos da igreja de Roma, declara que o poder de Deus é eterno (Rom 1.20). Não é uma característica de Deus que pode cessar. O poder de Deus não é um poder limitado ao tempo, porém dura para sempre.

4. A onipotência de Deus é declarada na natureza. Lembrando, ainda, das palavras do apóstolo Paulo aos romanos, observamos que o poder de Deus pode ser compreendido e claramente visto através das coisas que foram criadas. Nenhum outro ser poderia criar o universo, as coisas que vemos e as que não vemos.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 21

Terça - Isaías 40

Quarta - Salmo 90

Quinta - Salmo 139

Sexta - Salmo 147

Sábado - Salmo 90

Estudo 13

O HOMEM, UM SER INDIVIDUAL

Texto básico: João 3.16

No estudo anterior, focalizamos o homem como um ser social. Neste, agora, o focalizamos como um ser individual, procurando seguir o ensino do Senhor Jesus.

Por ser o centro da criação de Deus e o alvo de seu amor, o homem ocupa lugar de inquestionável valor no estudo das Escrituras, porque da concepção que se faça da doutrina do homem dependem as concepções de outros temas doutrinários, como reino de Deus, missão da igreja no mundo, salvação, evangelização e missões. Depende, também, o tipo de ação que desenvolveremos para a extensão do reino de Deus no mundo: ou ação puramente social ou ação evangelizadora no sentido de levar cada homem ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus e seu Salvador pessoal.

Uma corrente de teologia considera o homem como sendo a sociedade em sua inteireza, o que exime os homens de responsabilidade pessoal. Veremos, entre-

tanto, que o Senhor Jesus ensinou que o homem é um ser individual, cada um completo em si mesmo como pessoa, capaz de relacionamento responsável com as outras pessoas, com grupos sociais, com instituições e com a própria sociedade como um todo, que se relaciona também com Deus, que é dotado de consciência moral e de livre arbítrio, e é responsável pelas suas decisões, atitudes e atos.

JESUS EXALTOU O VALOR DO HOMEM COMO INDIVÍDUO

Não podemos deixar de considerar que todo homem vive como parte integrante de uma sociedade, que é socializado por ela, que recebe dela poderosa influência para sua formação e para seu comportamento, mas isso não autoriza afirmar-se que a sociedade seja o homem. A sociedade não anula o indivíduo. Examinaremos quatro exemplos do ensino de Jesus valorizando o homem como indivíduo.

todas as coisas. João viu a instalação da nova ordem, viu a nova Jerusalém, e a multidão dos remidos formando a grande congregação de Deus, no meio da qual Ele habitará por toda a eternidade. Que maravilha! A salvação não nos levará a uma vida espiritual etérea, isolada, cada um por si, soltos no universo, mas a uma vida real, perfeita, formando um povo, uma imensa congregação, uma santa assembléia, uma sociedade perfeita. Estaremos todos juntos, em perfeita comunhão uns com os outros e com o nosso Deus, e sem os sinais de sofrimentos, porque Deus limpará de nossos olhos toda a lágrima. Amém.

CONCLUSÃO

1. O casamento é a primeira manifestação na vida do homem de que ele é um ser social. É uma instituição divina onde o homem se encontra, se desenvolve e gera outros seres humanos que crescerão e viverão em sociedade. Por isso o casamento deve ser incentivado e valorizado como essencial para a formação da sociedade humana como um todo.

2. Pessoas que se afastam do convívio social, que se afastam dos irmãos na igreja, que procuram se tornar distanciados dos assuntos da vida, e da igreja, são pessoas que estão se desajustando. Precisam de

oração, meditação e de orientação no sentido de não se distanciarem mais, retornando ao convívio da igreja.

3. Nós somos a luz do mundo e o sal da terra, como Jesus nos ensinou. É necessário que a luz de Cristo brilhe em nós para que os homens possam glorificar a Deus. Nossa luz brilha pela maneira como convivemos com as outras pessoas, em sociedade, comportando-nos de acordo com os padrões divinos tanto para com o próprio Deus, como para com nossos semelhantes.

4. A igreja é uma sociedade de servos de Cristo, regenerados, transportados do reino das trevas para o reino de luz. Não pode se igualar a qualquer outra sociedade e é uma comunidade excelente para a convivência social do crente. Devemos estimular o bom convívio entre servos de Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Gênesis 2.18-24*

Terça - *Mat 22.34-40*

Quarta - *Rom 13.1-14*

Quinta - *Atos 4.32-37*

Sexta - *1Cor 12.12-27*

Sábado - *Hebreus 13.1-19*

Estudo 2

A SANTIDADE DE DEUS - I

Texto básicos: Levítico 11:44,45; João 3.16; 1João 4.8

Em nosso primeiro estudo observamos alguns atributos de Deus que nos dão uma visão da sua glória e poder. Podemos ver que não há nenhum ser semelhante a ele. Ele é superior a qualquer outro ser em todo o universo, visto que é o criador de todas as coisas.

Em alguns estudos a partir deste, vamos continuar estudando os atributos de Deus, que lhe são exclusivos que costumamos chamar de atributos morais, ou seja, que envolvem seu caráter como ser pessoal.

O primeiro atributo moral de Deus que vamos estudar é a sua santidade. Precisamos iniciar deixando bem claro o que significa ser santo. Isso é de suma importância, uma vez que temos idéias bastante distorcidas a respeito do que signifique santidade.

Quando Moisés escreveu as palavras que Deus lhe transmitiu a fim de que falasse ao seu povo,

utilizou a palavra hebraica *gadowsh* para falar da santidade de Deus. O significado literal da palavra é ser separado de modo sagrado ou para o que é sagrado. A idéia principal, então, é de separação sagrada.

Daí podermos notar que Deus, quando afirmou sua santidade, estava declarando sua separação de tudo o que é profano, que tem origem e características do pecado. Estava revelando ao homem que ele é perfeitamente santo, perfeitamente separado do pecado, de suas características e suas manifestações.

Deus é transcendente, quer dizer, ele está além e acima de todas as coisas, de tudo que podemos perceber e compreender. Por isso a sua natureza é perfeitamente santa e faz com que tenha determinadas características pessoais que lhe são únicas, a saber:

BONDADE PERFEITA

A Bíblia diz que não há ninguém que seja bom. Mas sabemos que isso

se refere ao campo humano, porque, também a Bíblia, aponta para a bondade perfeita de Deus. A sua natureza é boa. Não há qualquer resquício de mal em seu caráter. Uma das grandes afrontas do homem para com Deus é o pensamento de que em Deus exista tanto o bem quanto o mal, que coexistiriam nele harmoniosamente, em equilíbrio de forças. É um pensamento de religiões orientais (inclusive budismo) que tem se infiltrado em nosso meio cristão através de ensinamentos camuflados, como a pregação recente de neo-pentecostais de que Deus teria criado o mal (a respeito do assunto pode ser lido o estudo A Origem do Mal publicado por esta editora na revista O Pecado e a Salvação).

Mas, qual seria, na prática, a objetividade da bondade de Deus para com o homem? Enumeramos, a seguir, como o homem pode desfrutar dessa bondade divina.

1. Os servos de Deus podem apelar para a sua bondade - Gên. 24:12; Salmo 25:7; Salmo 119:76; 119:149. No primeiro texto encontramos o servo de Abraão incumbido de encontrar uma esposa para Isaque, pedindo socorro a Deus. Sabia que sua tarefa era difícil e apelou para a bondade divina, no sentido de alcançar êxito em sua missão. No segundo texto, o salmista apela para a bondade divina,

reconhecendo o seu pecado e pedindo a Deus que olhe para ele com misericórdia. No terceiro, o salmista deseja o conforto divino, que vem através da bondade de Deus. No último texto pede a Deus que lhe dê ouvidos, que o ouça, pela sua bondade.

Percebemos nestes quatro textos, que servos de Deus apelaram para a sua bondade, no sentido material, no sentido espiritual, no desejo de conforto para a alma e no sentido da busca da comunhão com Deus.

2. Os servos de Deus podem desfrutar da sua bondade - Gên 24:14-27; Salmo 23:6; Rom 2:4. Houvesse para o homem somente a possibilidade de apelar para a bondade divina, sem que ela pudesse ser efetivada, de nada adiantaria. Porém as Escrituras garantem que o servo de Deus tanto pode apelar para a sua bondade, quanto pode, também, desfrutar dela. Observemos os exemplos citados acima. O servo de Abraão recebeu de Deus o que havia pedido e agradeceu pela bênção; no Salmo 23, encontramos o salmista com a convicção de que desfrutaria da bondade divina todos os dias da sua vida; e, a seguir, o apóstolo Paulo declara que é a bondade de Deus que faz com que o homem chegue ao arrependimento.

NORMAS DE DEUS PARA A CONVIVÊNCIA HUMANA

Por que a sociedade humana é tão cheia de sofrimentos, desequilíbrios, injustiças e violência? Por que a fome? Por que o enorme contingente de miseráveis? Por que as inimizades? Por que as guerras? Pensando especificamente nas igrejas, como sociedades menores constituídas de pessoas regeneradas por Jesus Cristo, por que tantos conflitos? Deus estabeleceu normas de convivência. Os Dez Mandamentos são exemplos dessas normas (Ex 20). No Novo Testamento encontramos muitas dessas normas. Se elas são obedecidas, a vida é construtiva e saudável. Se não são obedecidas, a vida se torna infeliz e maléfica. Essas normas podem ser resumidas: Podemos mencionar solidariedade, verdade, respeito ao próximo, cooperação, misericórdia, justiça, tolerância, paciência, humildade, generosidade etc. São sentimentos positivos que precisam ser cultivados. Os negativos, como ódio, inveja, egoísmo, desrespeito, orgulho, impaciência, ira, etc. São pecaminosos e destruidores. Os sentimentos e normas que Deus estabeleceu para a convivência humana podem ser reduzidos todos a apenas dois. Quando perguntaram a Jesus qual o maior mandamento, Jesus reduziu toda a lei a dois apenas: Amar a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a nós

próprios (Mt 22.34-40). E o apóstolo Paulo ensinou que “o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13.10).

CIDADANIA: DIREITOS E DEVERES

Romanos 13.1-7

Embora nós, os crentes em Jesus, pertençamos ao reino de Deus, que não é deste mundo, enquanto na carne estamos neste mundo, e não podemos nos alienar, fugir, fazer de conta que nada temos a ver com este mundo. Nós fazemos parte de um sistema social organizado, com instituições, leis e autoridades. Por isso nós temos direitos e deveres. Devemos ser zelosos em relação aos nossos direitos, principalmente o de liberdade de consciência e de culto, mas devemos ser zelosos, também, em relação aos nossos deveres, porque nós testemunhamos, diante do mundo, pelo tipo de cidadãos que somos. A submissão às autoridades, a obediência às leis, a honestidade no pagamento dos impostos, mesmo quando discordamos, a participação na vida política, votando, ou nos candidatando a cargos eletivos, são direitos e deveres dos servos de Deus na convivência social..

NA ETERNIDADE, O HOMEM CONTINUARÁ SOCIAL

Apocalipse 21.1-4

A visão de João no texto indicado, é a da consumação de

estabeleceu o início da sociedade humana. Além das duas pessoas e do companheirismo do próprio Deus, havia também o ambiente físico em que as pessoas haveriam de se relacionar com as coisas e outros seres criados e conviver com as outras pessoas. E a relação com as coisas e convivência com as outras pessoas que foram nascendo formou o começo da sociedade” (Lima, Delcy de Souza, *Sociologia, Ajuda Para Ministros Cristãos*, Seminário Teológico Batista de Niterói, RJ, 2001, pg 27).

VIVER EM GRUPOS É ESSENCIAL PARA O SER HUMANO

Não poderia haver vida sem interdependência. A vida é complexa e exige, para ser mantida, a dependência das pessoas umas das outras. Para ilustrar, basta você pensar numa camisa que veste. Já pensou quanta complexidade? Alguém plantou o algodão, alguém o colheu e vendeu, alguém o transformou em fios, alguém teceu formando o pano, alguém comercializou o tecido, alguém cortou e costurou para fazer a camisa, os botões já foram fabricados por outros, a linha de costura, as máquinas por outros e assim por diante. E cada uma dessas pessoas e empresas, por sua vez, dependem de uma série de outras .pessoas,

instituições e coisas para viverem e trabalharem. Forma-se uma trama muito complicada e extensa. Seria impossível cada ser humano providenciar sozinho, para si mesmo, tudo o que precisa para viver. A vida só pode ser mantida quando em sociedade.

Mas não é apenas por causa da interdependência. É também por causa da própria identidade do homem. O ser humano não se identificaria como homem se não houvesse outros seres iguais com quem conviver. “No Éden, o homem foi colocado por Deus a dar nomes a todos os seres vivos e, registra a Bíblia, depois de ter cumprido esta tarefa, o homem não encontrou nenhum ser pelo qual pudesse se identificar. Então, ao defrontar-se com a mulher, ele se reconheceu nela, e disse: 'Esta será chamada varoa, porque do varão foi tomada'(Gn 2.18-25). Ele não poderia ter-se identificado como varão (homem) se não estivesse diante dele outra pessoa em que pudesse se espelhar”(Idem, pg. 28)

Essa interdependência é tão abrangente, que o apóstolo Paulo diz: “*Nenhum de nós vive para si e nenhum morre para si*” (Rm 14.7). Além disso, ele compara a vida comunitária na igreja a um corpo humano, em que há total interdependência dos membros, para manutenção de todo o corpo (1 Co 12.12-27).

3. Os servos de Deus podem confiar que sua bondade dura para sempre

- *Salmo 52:1*. Não é uma bondade passageira, ou restrita a situações favoráveis a ele. É uma bondade que dura eternamente, que está sempre à disposição, sem interrupções, de todos os que o buscam, a qualquer momento.

AMOR PERFEITO

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, tem (ou pelo menos deve ter) amor em sua natureza. No entanto, devido ao pecado, o amor do homem é restrito, imperfeito, circunstancial, limitado. O amor do homem acaba, o amor do homem pode dar lugar à leviandade, à suspeita, é limitado à carne. O amor do homem tem sido desviado para o erotismo, e isso tem feito com que, por pequenos revezes, deixe que seu amor se esfrie.

Mas Deus, sendo perfeitamente santo, tem amor perfeito o amor que na língua grega é conhecido pela expressão *ágape*. Vejamos algumas características e manifestações desse amor perfeito de Deus para conosco.

1. Deus é amor em sua essência - 1João 4.8. O amor entre os seres humanos, é algo que se adquire, se mantém e se perde. Mas o que o apóstolo João está dizendo é que Deus não tem um amor adquirido,

ou que precisa ser mantido, porque ele é amor em sua essência.

2. Deus ama as suas criaturas -

João 3.16. O Senhor Jesus declarou de maneira clara e direta que Deus ama todo o mundo. A palavra utilizada por ele foi *kosmos* que sempre utilizou para se referir à totalidade da humanidade. Ele foi o Criador mas não foi um criador impessoal, sem ligação de sentimentos com suas criaturas. Ele as amou. O amor de Deus chega a ser tão incompreendido pelos homens em muitos casos da sua manifestação, como alguns exemplos que encontramos na Bíblia que são inexplicáveis aos homens, por isso são apenas declarativos, como, por exemplo, *2Samuel 12:24*, onde é declarado o amor de Deus por Salomão, filho de Davi com Bate-Seba, a mulher com quem adulterara, e *Isaías 48:14*, onde é declarado o amor de Deus ao rei Ciro, da Pérsia, que nem ao povo de Deus pertencia.

3. Deus deu prova do seu amor - João 3.16; Rom 5.8; 1 João 4:10.

Os sentimentos sempre são exteriorizados de alguma maneira, por algum ato. O amor sempre é exteriorizado por quem o tem. O amor de Deus foi exteriorizado de uma maneira extrema, uma vez que não vacilou em entregar seu Filho Unigênito para morrer pela humanidade. Em João 15.9 Jesus declara

que o Pai o amou. Deus deu aos seus amados aquele a quem ele amou.

3. O amor de Deus tem um objetivo definido - João 3.16; Rom. 5.8. A maior catástrofe que veio sobre a humanidade, foi o pecado que levou o homem à perdição eterna. Sendo amor em sua essência, Deus tem o objetivo de salvar suas criaturas, que foram feitas à sua imagem e à sua semelhança. O amor de Deus faz com que não queira, de modo algum, que o homem vá para o lugar que foi preparado para o Diabo e seus anjos (Mat 25.41). Ele quer que todos sejam salvos. Se não o são, não é por ausência do amor de Deus, mas por culpa do próprio homem que não crê nesse amor manifestado na dádiva do seu Filho.

4. O amor de Deus o faz querer que o homem tenha amor também - Mateus 22.37-40. O Senhor Jesus resumiu todos os mandamentos divinos para o homem em apenas dois e estes têm como essência o amor: Amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e amar ao próximo como a si mesmo. Amar, somente amar. É um mandamento, uma exigência, um paradigma divino para o homem que deve se exercitar em obedecer e, suscitar e manter o amor como uma realidade em si.

Sem amor o homem se descaracteriza como imagem de Deus.

CONCLUSÃO

A santidade de Deus, que é a sua separação completa do pecado, faz com que Deus seja perfeito em sua natureza e em seus sentimentos. A sua bondade é inquestionável e tão perfeita que a humanidade, apesar de pecadora, pode desfrutar dela e desfruta até mesmo sem perceber.

Homens e mulheres que rejeitam a Deus desfrutam em parte da sua bondade, mas somente aqueles que têm comunhão com ele podem desfrutar plenamente da sua bondade perfeita, porque tiveram seus pecados perdoados e justificados pelo sacrifício daquele que ele entregou como prova do seu amor para conosco. Amor que, assim como a sua bondade, é perfeito, que não falha, que não muda, que não esfria, que nos leva à vida eterna.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Levítico 11

Terça - Salmo 25

Quarta - Salmo 23

Quinta - Romanos 2

Sexta - 1 João 4

Sábado - Romanos 5

Estudo 12

O HOMEM, UM SER SOCIAL

Textos básicos: Gên 2.18-24; Mat 22.34-40; Rom 12.4,5; 13.1-14; 14.7; Atos 4.32-37; 1 Cor 12.12-27; Apoc 21.1-4

O homem é um ser social. Isto significa que o ser humano, criado por Deus, só se realiza, como ser humano, vivendo em grupos, formando sociedades. Em outras palavras, só é possível a vida humana em sociedade. A sociedade pode ser um grupo pequeno, como uma família, ou uma tribo, ou uma nação inteira, não importa a dimensão, o fato é que o homem não pode existir e viver sozinho, como indivíduo. Este fato, bíblico e científico, tem diversos sentidos e conseqüências para a nossa vida na sociedade de que fazemos parte, e para nossa vida na comunidade específica de que fazemos parte, que é a igreja de Cristo. Esses sentidos ou conseqüências se expressam em princípios e normas de convivência com as outras pessoas e com as instituições para que a vida seja construtiva, glorificando a Deus. Esses sentidos é que pretendemos avaliar, neste estudo, oferecendo a cada servo do Senhor ajuda para uma vida saudável na sociedade, como na família e na igreja.

O HOMEM FOI CRIADO PARA SER SOCIAL

Gênesis 2.18-24

“Tanto a História como a Bíblia revelam que o homem sempre viveu em grupos, formando sociedades. Mas é a Bíblia eu revela a origem mais remota da sociedade. Após ter criado o homem à sua imagem e semelhança, Deus declarou: *'Não é bom que o homem esteja só'* (Gn 2.18). Então, criou a mulher. Isto não significa que Deus tenha realizado um projeto incompleto e que tenha descoberto, depois, a necessidade de uma companheira para o homem. Isto seria negar a perfeição de Deus. A declaração dele não deve ser tomada como descoberta de um erro ou como manifestação de um novo propósito, mas apenas como a expressão dessa verdade inerente à natureza humana, como revelação de que o homem não foi criado para a solidão mas para viver com outros seres iguais. Tendo criado o primeiro casal humano e lhe dado ordem para se reproduzir, Deus

Talvez uma das parábolas que mais exemplifiquem a realidade de que o homem assume responsabilidade por suas decisões e atos seja a das dez virgens. Cinco entraram nas bodas porque tiveram atos pessoais que permitiram a sua entrada; outras cinco ficaram de fora exatamente porque tiveram atos pessoais que não permitiram que entrassem nas bodas (Mat 25.1-13).

Existem alguns provérbios bíblicos que retratam essa responsabilidade que o homem tem em fazer o bem ou o mal. Destacamos dois deles: **Provérbios 11:27** “*Quem procura o bem alcança favor, mas ao que corre atrás do mal, este lhe sobrevirá.*” **Provérbios 28:10** “*O que desvia os retos para o mau caminho, ele mesmo cairá na cova que fez, mas os íntegros herdarão o bem.*”

CONCLUSÃO

O homem é um ser moral que tem consciência dos seus atos e atitudes e que tem, também, responsabilidade por eles. Age conforme a sua consciência, avaliando sentimentos e manifestando sua vontade, seja ela boa ou não. Pode agir sempre para o bem se tiver uma consciência guiada por parâmetros perfeitos, inerrantes, que possam ser utilizados pelo homem sem qualquer receio de estar

praticando ou prestes a praticar algum tipo de mal.

No âmbito humano esse parâmetro perfeito não existe, uma vez que, apesar de ter sido capacitado por Deus para exercer uma moralidade perfeita, o homem deu lugar ao mal e toda a humanidade se corrompeu de tal modo que a Bíblia registra que não há um homem sequer que faça o bem. Mas, no âmbito divino, esse parâmetro existe. Foi elaborado por Deus e deixado à disposição de todos quantos desejarem utilizá-lo: é a Bíblia, Palavra de Deus escrita para o homem.

Esse referencial quando utilizado corretamente, através de uma interpretação cuidadosa e em comunhão com o Espírito de Deus, dá ao homem a condição de desfrutar de uma consciência infalível, porque será guiada por um instrumento que estabelece uma moral infalível, a moral do próprio Deus, Criador do homem.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 3.6-10
Terça - Gênesis 3.9-19
Quarta - Gênesis 4.3-8
Quinta - Mateus 19.16-30
Sexta - Mateus 25.1-13
Sábado - Marcos 10.17-31

Estudo 3

A SANTIDADE DE DEUS - II

Texto básicos: João 17.3; Rom 3.4; Jer 10.10; Sal 7.11; Sal 119.137

No estudo anterior observamos que Deus é completamente santo, separado de tudo o que há de mal, e pudemos estudar a respeito da sua bondade e amor perfeitos que são atributos oriundos de sua santidade.

Neste estudo estaremos focalizando dois outros atributos de Deus que lhe são característicos devido a sua santidade perfeita: verdade e justiça.

DEUS É VERDADEIRO

João 17.3; Rom 3.4; Tito 1.2

O Senhor Jesus afirmou que Deus é verdadeiro, o apóstolo Paulo disse que todo homem é mentiroso e que somente Deus é verdadeiro. O Senhor Jesus estava falando da existência única de Deus como verdadeiro e o apóstolo Paulo estava falando de uma característica de Deus que é a verdade. Essa é outra característica que faz parte da essência de Deus. Seu Filho, Jesus Cristo, que é um com o Pai, afirmou que Ele é a verdade (João 14.6-11).

Sendo Deus verdadeiro, criador de todas as coisas e sendo o homem sua imagem e semelhança, é lógico pensarmos que Deus é o referencial perfeito, veraz, para toda a sua criação. Se existimos de fato é porque existimos nele (Atos 17.26,28). Ele é o padrão perfeito de aferição para todas as coisas.

Talvez o maior problema do homem seja ele desejar colocar-se como referencial, sendo imperfeito, pecador, sem a verdade em si, deixando Deus de lado ou procurando fazer uma idéia de Deus à partir de si próprio.

Reconhecendo que Deus é verdadeiro, precisamos nos conscientizar e viver algumas realidades lógicas que são conseqüentes desse seu atributo:

1. Sendo Deus verdadeiro, a Sua Palavra também é - João 17.17. O Senhor Jesus queria que seus discípulos fossem santificados, separados da mentira originada em Satanás; por isso pediu ao Pai que os santificasse em sua Palavra. Um pe-

dido natural, uma vez que a palavra de um ser que é essencialmente verdadeiro, tem que ser verdadeira também. Conhecedor de todas as coisas, o Senhor Jesus sabe que o Pai é o referencial perfeito para que o homem viva na verdade. Em João 10.35 vemos Jesus interligando a Palavra de Deus às Escrituras (*"Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar..."*) e podemos, então, crer que Deus deixou a sua Palavra escrita, perfeita, verdadeira, para que pudéssemos confiar completamente nela como referencial de nossas vidas.

O salmista declara que as palavras de Deus são puras como a prata refinada sete vezes (Sl. 12.6).

2. Sendo Deus verdadeiro, as suas promessas não podem falhar - *Números 23.19; Tito 1.2.* Deus é fiel às suas promessas. O homem pode falhar, mas Deus não falha. Há pessoas que pensam que Deus falhou em suas vidas, mas se esquecem de que há promessas que Deus faz sob condições e outras sem condições. Por exemplo, em 2 Crôn 7.14 encontramos uma promessa sob condições. Se o homem não se converter, não se humilhar, não se submeter, Deus está livre de cumprir sua promessa. Mas, se cumprir as condições estabelecidas, Deus não falha. A promessa da sal-

vação é feita sob a condição única de que o indivíduo creia em Jesus Cristo como Salvador, que veio salvar o homem dos seus pecados. Cumprindo o homem essa condição, Deus cumpre a sua promessa e lhe dá a salvação (João 3.16). Por isso Jesus afirmou que quem crê no Filho tem (já no presente) a vida eterna. É uma promessa baseada não na fidelidade do homem, mas na fidelidade de Deus, que é verdadeiro, que não pode mentir (Tito 1.2). Mas, a outra faceta dessa característica de Deus, é que as suas promessas de castigo também são verdadeiras e se cumprem na vida do homem que não crê (ver João 3.36).

DEUS É PERFEITAMENTE JUSTO - Salmo 89.14; Isa 45.21

Esse atributo de Deus, que é, também, conseqüente da sua santidade perfeita, está diretamente ligado ao fato de ser ele verdadeiro. A injustiça é filha da mentira, e, ao contrário, a justiça é fruto da verdade. Onde há verdade não pode haver injustiça. Onde há um padrão perfeito de aferição há justiça perfeita.

Sendo o Criador verdadeiro, ele é reto em seu caráter e sendo reto, estabeleceu um governo moral no universo e estabeleceu leis perfeitamente justas às suas criaturas, que contêm recompensas e castigos que são aplicados de acordo com

vergonha de situações ou atos pessoais. Adão e Eva pecaram, viram que estavam nus e se envergonharam. A sensação de vergonha é derivada do sentido de dever que o homem tem de um modo geral. Dever de obedecer, dever de trabalhar pelo sustento, dever de cooperar, dever de amar, dever de conviver etc. O homem tem e reconhece seus deveres naturais. Quando deixa de cumprir algum dever, propositalmente ou não, o homem tem a sensação de vergonha mesmo que intimamente. Essa sensação existe no homem exatamente pela sua capacidade moral de discernir entre o bem e o mal. É uma capacidade que, quando exercitada, dá ao homem a condição de reparar o mal que cometeu, arrependendo-se e esforçando-se por realizar o bem.

O apóstolo Paulo, em sua primeira carta à igreja de Corinto critica aqueles irmãos por não se envergonharem do mal que havia entre eles e deixa transparecer que exatamente por não terem se envergonhado é que continuaram convivendo com o mal (1Cor 5.1,2).

O HOMEM TEM RESPONSABILIDADES PELAS SUAS DECISÕES *Gên 3.9-19*

Quando pecou o homem foi responsabilizado por Deus. Consciente de sua responsabilidade

perante o Criador, tentou se eximir lançando a culpa sobre sua mulher que, por sua vez, lançou sobre a serpente. Mas cada um tinha a sua responsabilidade pessoal e sofreu as conseqüências dos seus atos individualmente. Mesmo que tente se eximir de sua responsabilidade, por ser moral o homem sempre será responsabilizado por seus atos e atitudes. A salvação é uma responsabilidade do homem. Se ele a aceita como foi providenciada por Deus, é responsabilizado de maneira agradável, é galardoado pela sua atitude de fazer o bem aceitando o sacrifício de Jesus na Cruz do Calvário. Se ele a rejeita é responsabilizado de maneira desagradável, colocando-se sob castigo por ter feito o mal não aceitando o sacrifício de Jesus. É o que o Senhor Jesus ensinou em João 5.24-29 e, também, demonstrou no episódio do seu encontro com o um dos principais dos judeus que lhe perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna. Disse à ele que deveria guardar o mandamentos. Diante da afirmativa de que já o fazia desde a sua juventude, disse-lhe que vendesse tudo o que possuía, desse aos pobres e o seguisse. O homem o deixou, tomando a decisão de não herdar o reino dos céus (Mt 19.16-30; Mc.10.17-31, Lc 18.18-25). Entre deixar seus bens e seguir a Jesus para herdar o reino dos céus e ficar com seus bens, deixar de seguir a Jesus e não entrar no reino dos céus, ficou com a segunda opção.

para o guardar, estava utilizando a mesma capacidade; e o homem se tornou indesculpável para Deus quando pecou, atendendo aos argumentos da serpente, exatamente por ter essa capacidade de discernimento entre o bem e o mal.

É uma capacidade que está no homem desde a sua criação e é essa capacidade que Deus tem utilizado para a restauração do homem à sua condição de comunhão com ele, de herdeiro da vida eterna. Ofereceu a salvação ao homem mas deu a ele a liberdade de escolher recebe-la ou não através de uma avaliação pessoal. Daí a fé vir pelo ouvir a anunciação da salvação em Cristo Jesus (Rom 10.17).

Essa capacidade envolve os sentidos do indivíduo, o intelecto e a sua vontade. O que o indivíduo sente passa pelo filtro do intelecto que avalia se a ação desejada é boa ou má e, finalmente, a vontade é exercida em rejeitar ou realizar o ato para o bem ou para o mal. Estas três faculdades, ao serem acionadas, são chamadas de consciência. Há um exemplo bíblico que registra essa capacidade e a ação consciente de um homem que, infelizmente, preferiu exercer a sua vontade em fazer o mal. Está registrada em Gênesis 4.3-8. Primeiramente Caim se irou contra seu irmão. Teve um sentimento de ódio. Depois Deus atuou em sua consciência levando-o a discernir o mal que estava por

fazer e a avaliar as conseqüências. Finalmente ele exerceu sua vontade de matar seu irmão, Abel.

Observamos na Bíblia que essa capacidade está no homem mas que ele tem, também, referenciais deixados por Deus que é um ser perfeitamente moral, para que o homem possa viver uma moralidade real. A ordem para não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal foi o primeiro referencial de moralidade dado por Deus ao homem. Depois, com o aprofundamento no pecado e o conseqüente distanciamento dos padrões morais naturais, colocados por Deus no homem, os referenciais formalizados através de ordens e diretrizes traçadas foram se multiplicando até que o homem recebeu as Escrituras como padrão de moralidade traçada por Deus para o homem.

O HOMEM TEM CAPACIDADE DE SE ENVERGONHAR - Gên 3.6-10

Esta é outra característica unicamente dos seres morais. Seres amorais não sentem vergonha de espécie alguma e, na realidade, não têm do que se envergonhar uma vez que não são responsáveis pelos seus atos nem têm condições de discernir entre o bem e o mal. O homem foi criado por Deus com esta condição, é o único animal capaz de sentir

a obediência ou não dos seus retos preceitos.

É importante que se observe que o amor de Deus não torna a sua justiça imperfeita, nem o leva à prática de atos que não sejam verdadeiros. Há um equilíbrio perfeito em Deus e, devemos reconhecer, é difícil de ser compreendido por seres limitados como nós.

Sobre este aspecto da santidade de Deus - a sua justiça perfeita - é extremamente necessário para o homem compreender que:

1. A salvação é um ato de justiça divina - Isa 45.21. A justiça é diretamente ligada ao erro e tem a virtude de ajustar situações de acordo com o comportamento daquele que traz sobre si os benefícios ou os malefícios dos atos de justiça. A justiça de Deus é direcionada àqueles que estão sob a operação do erro, devido ao pecado que, em determinado ponto da história, passou a fazer parte da natureza humana. É direcionada sob aspectos de salvação ou condenação. Salvação para os que se submetem ao que Deus estabeleceu como manifestação da sua justiça e condenação para aqueles que recusam a submissão, preferindo continuar no erro.

O pecado entrou no mundo porque o homem infringiu leis

estabelecidas por Deus. Errou em descrever a palavra do seu Criador, que é perfeito em verdade e errou por desobedecer à sua ordem de não comer da árvore do fruto do conhecimento do bem e do mal. Isso o colocou em condenação. Mas, por um ato de amor (Jesus ensinou assim em João 3.16), Deus estabeleceu um meio de dar a salvação ao homem, para que escapasse da condenação eterna. Esse meio de salvação, originado no seu amor infinito, foi estabelecido dentro do padrão de justiça divina, que é simples: Já que o homem se colocou sob condenação por não crer na palavra de Deus, então receberia a salvação por crer nela. Essa crença na palavra de Deus é imputada ao homem como fator de recebimento da justiça divina desde os tempos do Velho Testamento (p. ex. Gênesis 15:6).

2. Deus estabeleceu seu Filho como manifestação da sua justiça - Jeremias 23:5; João 16.8-10; Romanos 3.21-26. A promessa de salvação, como ato da justiça divina, manifestada em seu Filho, Jesus Cristo, está em todo o Velho Testamento. Quando Filipe, um dos primeiros discípulos de Jesus, anunciou a Natanael que havia encontrado o Messias, fez referência aos escritos de Moisés (João 1.45). Escolhemos, dentre tantos, o texto de Jeremias, porque fala de maneira clara e direta que o Messias exerceria o juízo e a justiça divina sobre

toda a terra. No texto do Evangelho de João, vamos encontrar o Senhor Jesus se colocando, claramente, como a manifestação da justiça divina; e, no texto de Romanos, o apóstolo Paulo diz clara e diretamente, que Jesus Cristo é a manifestação divina da sua justiça, justiça esta que é aplicada beneficentemente por Deus **a todos os que têm fé no seu Filho Jesus Cristo** (v. 22,26), e que é **gratuita**, uma vez que o preço da redenção foi pago por Jesus (v. 24,25). Ninguém poderia receber por si só o benefício da salvação através da justiça de Deus, porque todos estão debaixo do erro, do pecado (v.23). Por isso Deus estabeleceu que a sua justiça dá a salvação a todos os que a aceitam através do sacrifício do seu Filho.

3. A justiça de Deus é eterna *Salmos 119:142*. Por eterna compreendemos que dura para sempre e que é imutável. Em tempo algum a justiça de Deus pode ser anulada e, da mesma forma, em tempo algum pode ser modificada. A justiça humana é tão falha quanto o próprio homem. Ela se modifica e é finita, limitada pelo tempo, por situações e interesses, porém a justiça divina permanece para sempre. A salvação nunca mudará. Será sempre um ato da justiça divina, será sempre gratuita, será sempre para qualquer que tiver fé em Jesus Cristo como Salvador, entregando a vida a ele

por toda a eternidade.

CONCLUSÃO

Sendo Deus verdadeiro, estando a verdade em sua essência, a sua palavra é, também, essencialmente verdadeira e não muda, pois ele não pode mentir. Sendo a justiça divina completamente baseada no fato de ser Deus verdadeiro, é lógico e claro que a sua justiça está fundamentada na sua própria pessoa e, consequentemente, em sua palavra. O homem descreu dela e por isto, por causa da justiça divina, adquiriu a morte, o sofrimento eterno. Ao contrário, Abraão creu na palavra de Deus, saiu da sua terra sem questionamentos e sem saber para onde ia, confiando somente na promessa divina, e isso foi-lhe imputado por justiça (Rom 4.17-22); agora, em Cristo, os que crêem nele como sendo o cumprimento da promessa de Deus para a salvação da alma, tem essa crença no Filho de Deus imputada como justiça para o recebimento da vida eterna (Rom 4.23-25)

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 17
Terça - Romanos 3
Quarta - Jeremias 10
Quinta - Salmo 7
Sexta - Isaías 45
Sábado - João 16

Estudo 11

O HOMEM, UM SER MORAL

Textos básicos: Gênesis 2.15-17; 3.6-19; 4.3-8

Moralidade é a capacidade de avaliação entre o bem e o mal e de posicionamento consciente e voluntarioso pelo que é bom. O homem é a única criatura terrena de Deus que tem essa capacidade. Outros seres têm instintos e são limitados a eles. Por instinto têm alguma capacidade de avaliação entre o perigo e a segurança mas não são capazes de tomar decisões morais nem de sentirem responsabilidade pelas decisões que foram tomadas. Os animais fazem o que a sua natureza impulsiona a fazerem e não têm consciência a respeito do que fizeram. Vernon O. Elmore, em sua obra El Hombre como Creación de Dios, editada pela Casa Bautista de Publicaciones, El Paso, Texas, 1987, utiliza um exemplo simples porém interessante a esse respeito. Ele diz: “Não há nenhum sentimento de culpa da parte do gato quando arranha a mobília. Orgulhosamente traz um pássaro que tenha caçado, ainda se debatendo, para exibir sua destreza ao seu dono. Nos horrorizamos com sua falta de

compaixão, porém o gato sente somente frustração quando lhe tiramos o pássaro. (pág. 44). É somente um animal sem qualquer capacidade moral. É um ser amoral.

É sobre essa capacidade única do homem, a de conhecer e fazer escolha entre o bem e o mal, entre o correto e o incorreto, que desejamos estudar a seguir.

O HOMEM TEM CAPACIDADE DE DISCERNIR ENTRE O BEM E O MAL - Gên 2.15-17

Essa capacidade foi dada por Deus. Quando disse ao homem que poderia comer de toda árvore que estivesse no jardim do Éden mas que não deveria comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, e quando disse que se comesse certamente morreria, Deus estava utilizando e aguçando essa capacidade do homem. Está implícito na ordem que o homem tinha capacidade de reconhecer o mal da morte. Também quando colocou o homem no jardim do Éden

divinos, tais como autoconsciência, personalidade e auto-expressão.

Ao contrário do que muitos pensam e, diferentemente do Espírito de Deus, o espírito do homem não é eterno, porém imortal. A eternidade é uma característica exclusiva de Deus porque é referente ao que sempre existiu e nunca deixará de existir. Somente Deus sempre existiu, não tendo um começo e nem um fim. O homem, porém, teve um começo; o seu espírito passou a existir no momento em que foi gerado de seus pais, uma vez que Deus deu ao homem a capacidade de se reproduzir como um todo, corpo e espírito. Haverá um dia em que seu corpo perecerá e voltará ao pó da terra, mas o seu espírito continuará existindo, voltando para o seu Criador que dará o destino que lhe aprouver.

2. Santidade *Gên 2.15-17; Lev 11:45.* Deus é santo e, portanto, perfeitamente bom. Nele não há mal. O homem foi criado para ser santo também, para viver separado do mal. Deus o colocou no Éden para o cultivar e para o guardar. Guardar de que, se não havia o mal sobre a terra? Logicamente cabia ao homem manter-se separado do mal pela obediência à ordem de Deus e, dessa forma, manter o mal fora do Éden. O homem se degenerou pelo pecado, afastou-se de Deus, perdeu a sua santidade, porém o ideal da santidade para o homem continuou a existir e Deus, ao estabelecer o seu

povo, ordenou-lhes que fossem santos assim como ele é Santo.

3. Amor - *Lev 19:18; Deut 6:5; Mat 5.43-48.* Deus é amor (1João 4.8) e para que o homem o conheça precisa ter em si o amor. A essência do homem deveria ser, também, o amor. Porém o pecado fez com que o homem se entregasse à perversidade, à indiferença e se afastasse da semelhança do Criador. Daí a ordem de Deus ao seu povo para que amassem aos seus semelhantes e para que amassem a Deus de toda a alma e com todas as suas forças. O amor deve ser cultivado pelo homem para que possa viver em semelhança e conviver em comunhão com o Criador. É o que Deus mais deseja da sua criatura (Mat 22.37-40).

CONCLUSÃO

O homem é uma pequena cópia de Deus em sua totalidade. Foi criado para manifestar a glória do Criador diante de toda a criação. Pecou, perdeu condições maravilhosas mas precisa se conscientizar da importância que tem para o Criador e procurar deixar que ele as restabeleça através da regeneração em Cristo Jesus tanto no aspecto físico quanto espiritual.

LEITURAS DIÁRIAS

Seg - *Gên 2.1-7; Terça* - *Deut 10.12-22; Quarta* - *Salmo 6; Quinta* - *Ecl 12.1-7; Sexta* - *Rom 8.10-16; Sábado* - *1Cor 1.1-5*

Estudo 4

A ESPIRITUALIDADE E A FORMA DE DEUS

Textos básicos: João 4:24; João 1:18; Col 1:13-15

O pecado afastou o homem de seu Criador e fez com que passasse a ter dificuldades para compreender a existência dele. Tendo recebido o sopro da vida do próprio Deus, tendo sido criado para ter comunhão com ele, o homem, mesmo afastado, sem comunhão, continuou tendo a necessidade e o reconhecimento natural da existência de Deus e de sua presença no universo.

Limitado no reconhecimento das coisas espirituais, crescendo sempre na tendência de materializar todas as coisas, o homem passou a idealizar deuses limitados à matéria, criando imagens que representassem divindades ou adorando a semelhantes seus como se fossem deuses.

Tendo o pensamento limitado à matéria com relação a Deus, o homem também limitou suas divindades a lugares, e deturpou completamente a idéia de Deus em seu coração.

É nessa limitação que o Senhor Jesus encontra a mulher samaritana, com uma preocupação sincera, po-

rém limitada, sobre onde deveria adorar a Deus. E deixou para ela e para nós, ensinamentos simples e diretos a respeito de adoração a partir do ensino de que Deus é espírito.

É sobre este ensino do Senhor Jesus Cristo que desejamos estudar inicialmente.

DEUS É ESPÍRITO - João 4.24

Jesus não declarou que Deus **tem** espírito, porém que ele **é** espírito. É em sua essência, em sua natureza. Isto quer dizer que ele não é material e que transcende completamente à matéria.

Há autores que gostam de dizer que Deus é uma substância imaterial. Creio que estão errados, uma vez que substância, conforme o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, é “a natureza dum corpo; aquilo que lhe define as qualidades materiais; matéria”. Creio que este pensamento, de que Deus seja uma substância não material, ainda é re-

sultado da tendência humana de limitar Deus às concepções humanas.

É necessário que aceitemos a realidade de que Deus é espírito sem questionarmos. Apenas precisamos aceitar o fato porque é assim. No entanto, a partir da aceitação do fato, podemos compreender determinados aspectos da sua espiritualidade.

DEUS É INVISÍVEL

João 1:18; Col 1:15; 1Tim 1:17; 1Tim 6:16

João, o Batista, testemunhando a respeito de Jesus Cristo, declarou que ninguém jamais viu a Deus. Isto porque ele é invisível. Espírito não pode ser visto. É um erro pensarmos que se pode ver espíritos. É um erro gerado pela credence popular, pela religiosidade primitiva, animista, que existe no seio da humanidade. O apóstolo Paulo escrevendo aos crentes da igreja de Colossos, falando da remissão dos pecados que é realizada por Jesus Cristo, declara que Deus é invisível; escrevendo sua primeira carta a Timóteo, ao falar sobre os atributos de Deus, também declara sua invisibilidade, tanto no início quanto no término da carta. E ali, no texto final, ainda declara que homem algum é capaz de ver Deus.

Um dos textos bíblicos que me deixam maravilhado quanto à

invisibilidade de Deus é Apoc 4.3, quando o apóstolo João é levado à presença do trono de Deus. Nem lá ele viu Deus, mas viu o **seu resplendor** como de pedras preciosíssimas. Infelizmente as traduções não transmitem de fato o que João viu, porque falam da “aparência” ou do “aspecto” do que estava no trono, trazendo a idéia de uma forma. Porém a palavra utilizada pelo apóstolo, no grego, é *horasis* que denota apenas *uma visão*. Também dizem que estava *assentado*, trazendo à nossa mente a imagem de alguém em posição de assento. Porém a palavra no grego é *kathemai* que traz a idéia principal de algo que está posto, pousado em algum lugar. Talvez a melhor tradução do texto fosse: *e esse que ali se acha é semelhante, na visão, a pedra de jasper e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, na visão, a esmeralda*.

Não restam dúvidas, à luz das Escrituras, que Deus é espírito e, como tal, é invisível. E isto deve nos conduzir a atitudes pessoais para com o Senhor Deus. Deve nos levar ao reconhecimento de realidades tão inquestionáveis quanto a sua espiritualidade. Uma delas é a de que **Deus não pode ser representado por coisa alguma que há neste mundo**. Como representar algo que é espiritual, como atribuir-lhe formas, se nunca foi visto? A

apresentou ao homem, no passado, se apresentou na sua expressão visível, o *logos*, o Filho. E é à imagem da expressão de Deus, do Filho, que o homem foi criado. Daí Deus ter dito: “Façamos o homem conforme a nossa imagem...”, e, daí também, o apóstolo Paulo ter escrito que Deus nos predestinou para sermos em conformidade com a imagem (no grego *eikón* que deu origem à palavra *ícone*) do seu Filho (Romanos 8:29).

Isto quer dizer que o homem foi criado com uma forma definida e com uma forma ideal. Não uma forma casual, acidental, evoluída ou adaptada, mas a forma do Filho de Deus. Somos à imagem do nosso Criador, somos os seres que evocam qualidades ou características dele, que são a representação dele dentro da criação. Não é, de forma alguma um *antropomorfismo* (tendência para atribuir formas ou características humanas a Deus) que é acusado pelo apóstolo Paulo em Romanos 1.23, porém um *Theomorfismo* (atribuição da forma divina ao homem) que nunca foi visto em mitologia alguma, e que é afirmado pelo próprio apóstolo Paulo em Romanos 8.29.

O HOMEM FOI CRIADO À SEMELHANÇA DO SEU CRIADOR

Vimos que a palavra hebraica traduzida por **semelhança** é *demuth*

e que significa similaridade ampla, tanto no aspecto interno quanto externo. É isso que uma planta de uma construção representa, uma semelhança em todos os aspectos e não somente na aparência exterior. Isto quer dizer que o homem não tem somente a imagem do seu Criador, porém é semelhante a ele em todos os aspectos. Não na mesma grandeza, nem em igualdade pois isso seria impossível, porém como pequeninas miniaturas de Deus conforme podemos depreender do que está escrito no Salmo 82.6: “*Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.*” E o Senhor Jesus Cristo ainda referendou essas palavras ao utilizá-las para defesa diante dos judeus (João 10:34, 35).

Sendo à semelhança de Deus, o homem, naturalmente, carrega em si características do seu Criador, das quais destacamos:

1. Espiritualidade *Gên. 2.7; Ecl 12.7*. O homem é, também, um ser espiritual. A palavra **espírito** (*ruach*) e **alma** (*nephesh*) são utilizadas alternadamente no Velho Testamento significando a parte imaterial do homem que lhe foi dada pelo próprio Deus em um ato pessoal e numa transmissão de algo que veio de si próprio, que não foi dada a outras criaturas, porém ao ser humano somente. É a espiritualidade do homem que lhe dá capacidade de comunhão com Deus e que lhe dá condições de ter em si atributos

poderiam ser referente a uma forma física porque Deus não tem partes como um homem. Têm se posicionado assim alegando que acreditar que o homem tem a forma ou imagem de Deus seria o mesmo que acreditar no antropomorfismo da mitologia grega em que os deuses eram semelhantes aos homens.

No entanto as expressões não são semelhantes e não têm o mesmo significado. A palavra na língua hebraica que é traduzida por **imagem** é *tselem* e tem o significado de uma imagem esculpida exatamente conforme seu original, uma imitação física. Isto pode ser provado pela observação de textos onde a expressão é utilizada, como em Daniel 3.1, que faz referência à imagem que Nabucodonosor mandou fazer de si próprio; ou em 1 Samuel 6.5, fazendo referência a imagens (algumas versões traduzem por “imitações”) dos tumores e ratos que traziam enfermidades ao povo e destruição à terra; e, ainda, em 2 Reis 11.18, em referência às imagens de Baal que foram destruídas. Já a palavra que é traduzida por **semelhança** é *demuth* que tem o significado de uma cópia das características gerais, sem que seja exatamente igual à aparência, porém contendo todas as qualidades inclusive interiores. Um texto que pode exemplificar o seu significado é 2 Reis 16.10, onde é utilizada para fazer referência à uma planta de uma construção.

Sendo assim, então, somos obrigados a reconhecer que o texto de Gênesis 1.26 faz referência ao homem ter sido criado por Deus conforme uma imagem sua própria, uma forma física. Como poderia ser isto, se Jesus afirmou que Deus é Espírito e um espírito não tem forma? Mas, também, em contrapartida, existem várias passagens do Velho Testamento que fazem referência a manifestações pessoais de Deus a homens, inclusive com ações bastante pessoais como comer, caminhar, bater em objetos etc. Talvez um desses textos que seja por demais contundentes seja Gênesis 18.1-8, onde lemos de Deus se apresentando pessoalmente a Abraão, juntamente com dois anjos e, além de tudo, comendo o que Abraão lhe mandara preparar. Os textos provam que Deus tem uma forma definida, através da qual se apresentava a homens nos tempos do Velho Testamento.

Creio que não há qualquer dificuldade em se afirmar que esta forma de Deus é o seu Filho, chamado por João de *Logos* que estava presente na criação do mundo, como vimos em estudos anteriores. Em Colossenses 1.15 lemos que Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível, e em Hebreus 1.3, que é a expressa imagem de Deus. Deus Pai é Espírito e ninguém nunca o viu. Deus Filho tem forma gerada pelo próprio Deus e é visível, é a imagem do Pai. Quando Deus se

imaginação humana é incapaz de conceber uma forma ideal para Deus, porque ninguém nunca o viu. Qualquer forma atribuída a Deus seria ofensa a ele. Por isso proibiu seu povo de fazer qualquer tipo de imagem e adorá-la como se fosse Deus. É interessante notar que enquanto ditava essa proibição a Moisés, seu povo o representava na forma de um bezerro (Êxodo 32.1-6). A idolatria faz com que o homem avilte, em seu coração, a pessoa de Deus.

DEUS É INCONTÍVEL

Atos 17.22-29

O apóstolo Paulo, em seu discurso no areópago de Atenas deixou claro que Deus não pode ser contido em lugares feitos por mãos humanas e que ele próprio estabeleceu os limites da sua habitação. Limitados por suas próprias mentes e materialidades, os homens têm idealizado lugares para confinarem Deus. Cidades, templos ou regiões têm sido definidos como lugares sagrados e têm sido buscados e reverenciados como se Deus estivesse somente ali. Alguns utilizam o texto de Êxodo 3.1-5 e outros referentes ao tabernáculo e ao templo de Jerusalém para defenderem a idéia de que Deus estaria permanentemente confinado a determinados lugares, esperando que os fiéis fossem buscá-lo para adoração. É uma idéia pecaminosa que cria no

subconsciente do homem um sentimento de liberdade da presença de Deus e, conseqüentemente, liberdade dos seus princípios morais e religiosos. A terra em que a sarça ardia tornou-se sagrada pela presença de Deus naquele momento ali e os lugares do tabernáculo e do templo eram sagrados porque, no Velho Testamento, Deus se manifestava ali. Porém nunca ficava limitado àqueles lugares.

DEUS É REPRESENTÁVEL

Jo 1:18; Gên. 17.1; 18; Col 1:13-15; Heb 1:3

Parece incoerente termos dito há pouco que Deus não pode ser representado por coisa alguma deste mundo e, agora, iniciarmos um pensamento de que Deus é representável. Ele não é representável por coisa alguma deste mundo, mas é representável pelo seu próprio Filho, pelo Verbo eterno, que é apontado nas Escrituras como sendo a forma expressa, a imagem visível do Deus invisível.

O próprio Senhor Jesus declarou que Ele é um com o Pai e que quem o vê, vê ao Pai. Ele é a única forma de Deus gerada pelo próprio Deus. Voltando ao testemunho de João, o Batista, lemos: *Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.* Esta tradução é diferente da maioria que conhecemos, que registram *Filho unigênito*. Isto é porque a

palavra grega utilizada por João, o Batista, e registrada pelo apóstolo João ao escrever o seu Evangelho, é *Theos*, que quer dizer Deus. João estava testemunhando de Jesus Cristo e disse que ele é também Deus e que é a revelação visível do Pai. Deve ser observado que o Filho é designado por ele próprio (Jo 3.16 e outros) como sendo o único gerado. João, o Batista, o apontou como sendo único Deus gerado e isto deve nos levar a meditar no fato de Deus ter gerado de si próprio uma forma para se fazer representar, revelar, visivelmente. O episódio da aparição de Deus a Abraão (Gên 17.1) e o da aparição acompanhado de dois anjos, inclusive alimentando-se com Abraão, mostra-nos que Deus se revelou de forma visível ao homem desde os primórdios da humanidade e que o fez na pessoa do Filho, do Verbo Eterno, que é a sua expressa imagem.

Que o Filho é o próprio Deus, que se revelava visivelmente antes de se fazer carne e que se revelou como homem à humanidade, é um fato bíblico inquestionável. É um fato que aponta para a realidade que Deus Pai nunca foi visto por ninguém, porque ele é espírito e um espírito não tem forma, não tem delineação gráfica, mas que também aponta para a realidade de que Deus Pai se fez representar diante da humanidade na pessoa do Filho, a quem gerou como sua imagem.

CONCLUSÃO

Deus é invisível porque é espírito. É um ser espiritual e não material. Por ser espiritual não está restrito a materialidade, às coisas que vemos. É espírito sem limitações, é infinito. Não pode ser representado por nada deste mundo e não há limitações físicas para sua adoração. No entanto, manifestou-se individualmente à humanidade, na pessoa do seu Filho, do Verbo Eterno, que faz parte do seu Ser e que é a forma visível que gerou de si próprio.

Deus não pode ser adorado somente em lugares que os homens pensam contê-lo e não pode ser adorado sem a intermediação do Filho porque os dois são uma só pessoa em essência. Quem ama ao Pai tem que amar ao Filho, também. Quem vê ao Pai tem que vê-lo através do Filho, que é a sua revelação pessoal feita à humanidade.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 4

Terça - João 1

Quarta - 1 Timóteo 1

Quinta - Hebreus 1

Sexta - Gênesis 18

Sábado - Colossenses 1

Estudo 10

O HOMEM, UM SER À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Textos básicos: Gênesis 1.26,17; 2.7,21,22

No estudo anterior pudemos ver que o homem não é um acidente do reino animal, produto de algum processo evolutivo natural, porém que é uma criação muito especial de Deus.

Apesar de todas as características que destacam o homem com um ser especial, único, dentre toda a criação, há os que tentam, por todos os meios, provar que o homem é um acidente da natureza, produto de um processo evolutivo que se desenvolveu a partir de seres de outras espécies. Uma teoria que não é lógica, nem científica, que sempre se esbarra em problemas que nem mesmo podem ser equacionados e em barreiras intransponíveis. É o caso, por exemplo, da conclusão a que se chegou recentemente através de testes de DNA, de que é impossível que o chamado “homem de Neandertal” tenha algum tipo de parentesco com o homem (revista Veja de 05.04.2000). Também foi o caso do chamado homem de Pitdown, cujo crânio foi apresentado por Charles Dawson à

comunidade científica em 1912 como sendo a comprovação da teoria evolucionista e que em 1953, depois de ter sido exposto no Museu Britânico de História Natural, foi constatado ser apenas uma mistura de crânio humano com uma mandíbula de orangotango.

Deixando de lado essas teorias e aceitando os relatos bíblicos que afirmam que Deus criou o homem, é que vamos, neste estudo, analisarmos as duas principais características do homem que o fazem tão especial.

O HOMEM FOI CRIADO À IMAGEM DO SEU CRIADOR

Em que sentido o homem foi criado à imagem de Deus? Teólogos se têm dividido a esse respeito e a maioria tem afirmado que imagem seria o mesmo que semelhança, que as duas expressões encontradas em Gênesis 1.26 teriam praticamente o mesmo significado e que seriam, juntas, referentes a características morais e intelectuais, que não

a Adão escolher o ser que lhe seria a companheira ideal. Não encontrou em todo o reino animal porque não havia nenhum outro ser que lhe estivesse à altura ou que lhe fosse semelhante. Ele próprio descobriu isso.

3. O homem foi criado com capacidade de escolher a partir de um processo lógico de raciocínio *Gên 2.16,17; 3.1-6.* Deus disse ao homem que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, informou-lhe o que aconteceria e deixou a árvore ali para que o homem escolhesse obedecê-lo ou não. Satanás, personificado na serpente, utilizou o raciocínio do homem e mentiu para ele, fazendo com que escolhesse comer, através de um raciocínio aparentemente lógico.

4. O homem foi criado com capacidade de guardar a criação *Gên 2.15.* Deus colocou Adão no Éden e lhe deu a incumbência de guarda-lo. Mas, guardar de que? Não havia mal sobre a terra, não havia ladrões, devastadores da natureza, assassinos etc. Guardar de que, então? Deus deu a Adão a incumbência de guardar a terra do mal, do pecado que já existia no universo, arraigado em Satanás e seus anjos, mas que poderia ficar de fora do restante da criação caso Adão e Eva cumprissem a responsabilidade que Deus lhes atribuíra.

CONCLUSÃO

De maneira nenhuma alguém pode dizer que o ser humano é uma criação como outra qualquer de Deus ou, no caso dos que não acreditam em Deus e na criação, que o homem é um ser que esteja no mesmo nível que o restante de todos os outros seres que existem na terra. O homem é física, moral e espiritualmente completamente diferente de todos os outros seres e isso porque é um ser muito especial para Deus que o criou de maneira, também, muito especial.

O homem é um ser racional, que tem capacidade de manter comunhão com o seu Criador, que evolui nos seus conhecimentos, que domina a terra e tudo o que nela há. É um ser que tem a capacidade de escolher seu próprio destino na eternidade. E isso tudo porque Deus o criou pessoalmente e deu-lhe diretamente do seu próprio espírito. O homem é uma miniatura de Deus. Daí ser tão especial.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 8
Terça - Gênesis 2
Quarta - Gênesis 3
Quinta - Gênesis 5
Sexta - Salmo 34
Sábado - Salmo 1

Estudo 5

A SOBERANIA DE DEUS

Textos básicos: Gên 14.19; 1Cron 29.11,12; Sal 47.2-8; 62.11; Atos 17.24-26

Soberania é poder ou autoridade suprema e absoluta, sem possibilidade de restrição ou neutralização, que não deve a sua validade a nenhuma outra ordem superior. A bem da verdade, nenhum ser ou instituição humana tem esta prerrogativa, apesar de ser utilizada com relação a monarcas, Estados independentes e até igrejas.

Somente Deus é soberano em todo o universo, porque somente ele tem poder e autoridade suprema que não pode ser neutralizada de forma alguma, por ninguém e que não precisa ser validada por nenhuma ordem superior a ele, porque não há nada que esteja acima dele.

Os teólogos discutem se a soberania seria um atributo ou uma prerrogativa de Deus. Creio que essa discussão não tem razão de ser, uma vez que podemos apontá-la como um atributo natural, porquanto ele simplesmente é soberano. Não foi feito soberano, mas é, em toda a eternidade. A soberania faz parte da sua natureza. Podemos, também, apontá-la como uma prerro-

gativa, no sentido de ser um privilégio, porque o próprio termo *soberania* tem esta conotação. É um privilégio que pertence a Ele. E, a partir dessa realidade, podemos observar que:

DEUS NÃO ABRE MÃO DA SUA SOBERANIA

Salmo 62.11; Mateus 6.10,13

Há uma luta no universo contra a soberania de Deus. Essa luta foi iniciada por Satanás, que levou consigo seres celestiais e que conseguiu, também, levar consigo a humanidade. É claro e lógico que nenhum ser conseguirá conquistar a soberania de Deus, tirando-lhe ou neutralizando o poder e a autoridade supremos, mas há seres que fazem tentativas incessantes e que continuarão assim até o final dos tempos.

Nessa luta, Satanás procura atingir Deus através de crenças e comportamentos humanos degenerados, desvirtuados com relação ao Criador e, desde o início, tem inculcado na mente humana que

alguém pode ser igual a Deus (vide Gen 3.5). Desde a tentação no Éden o homem tem procurado ser igual a Deus, em todos os seus atributos, inclusive em sua soberania. Assim é que o homem deseja sentir-se poderoso como Deus, procurando alcançar poder inclusive sobre forças espirituais desconhecidas.

O rei Davi, homem de profunda comunhão com Deus, escreveu em um de seus Salmos essa impossibilidade de recebimento do poder, da soberania divina pelo homem, porque ele reconhece, por ouvir do próprio Deus, que o poder pertence somente a ele. O Senhor Jesus, Filho de Deus, imagem do Deus invisível, ensinou-nos a orar com humildade, reconhecendo que o reino, o poder e a glória pertencem a Deus por toda a eternidade. Isto quer dizer que Deus sempre será soberano, sempre será o Todo-Poderoso, sempre terá a autoridade máxima e absoluta sobre todas as coisas.

Não abrindo mão da sua soberania, Deus também não abre mão da sua vontade, porque ela é soberana. É interessante observarmos que Deus nunca precisará abrir mão da sua vontade porque é soberano, também, por causa do seu poder que é completo, perfeito e acima de qualquer poder que possa existir. Pelo seu poder ele pode estabelecer a sua vontade sem permitir que seja enfraquecida ou modificada por outrem.

O Senhor Jesus ensinou-nos a confiar completamente na vontade do Pai, deixando que seja manifestada livremente em nossas vidas. Exigir coisas de Deus é uma tentativa de violência contra a vontade soberana dele, é uma afronta, é uma iniquidade. Ninguém pode exigir nada de um ser soberano. Chega mesmo a ser tolice.

A SOBERANIA DE DEUS É O MOTIVO DA EXISTÊNCIA DE TODAS AS COISAS

Atos 17.24-28

Quando falamos em existência, falamos tanto sob o aspecto da criação quanto da manutenção. Se o mundo existe é porque Deus criou todas as coisas e porque ele continua sustentando todas as coisas. Pela sua vontade soberana Deus determinou que o mundo existisse em sua totalidade (v. 24; Gên 1); pela sua vontade Deus continua dando a todos a vida e todas as coisas (v. 25); pela sua vontade Deus fez toda a geração de homens e determinou tempos e limites da habitação humana (v. 26); pela sua vontade Deus continua perto do ser humano, sem abandoná-lo completamente à sua própria sorte e destruição (v. 27); pela sua vontade Deus continua permitindo que vivamos por ele, e que existamos nele (v. 28).

Se Deus quisesse, tudo seria desfeito pelo seu poder ou,

são seres diferentes, nem superiores, nem inferiores, porém seres complementares. São seres com formas e maneiras distintas de ser que se complementam natural e necessariamente. Não é natural o homem desejar ser igual à mulher, nem a mulher ser igual ao homem. O natural é os dois reconhecerem a sua importância complementar um ao outro. Mas, o que faz com que o homem seja uma criatura especial de Deus neste sentido, é que o homem não foi formado independentemente da mulher e nem vice-versa. Deus não formou o homem e colocou nele o fôlego da vida e, depois, formou a mulher e colocou nela, também, o fôlego da vida. Fez assim com o homem e, depois, o desdobrou em outro ser. Diferente, porém à sua semelhança. Que já trouxe em si o fôlego da vida sem que tivesse que lhe ser dado posteriormente à formação.

O HOMEM É UM SER CRIADO COM CAPACIDADES ESPECIAIS

Além de ter sido criado, dentro do contexto de toda a criação, de maneira singular, especial, o homem foi criado por Deus com capacidades especiais, completamente diferentes dos outros seres.

1. O homem foi criado com capacidade de sujeitar a terra *Gên 1.28*. Deus deu ao homem a

capacidade de dominar sobre toda a criação. Nenhum outro animal estaria acima do homem, porém sempre abaixo, sendo dominado por ele. Não foi criado como um ser inferior ou igual aos outros seres do reino animal, que teria passado por um processo milenar de evolução, colocando-o em superioridade. Foi criado para dominar, para ser superior aos outros seres e à própria terra. Tudo está sob o domínio do homem e este tem a capacidade de governar toda a criação. Uma das inversões modernas a respeito dessa superioridade humana a toda a criação, é o conceito de que a natureza é superior ao homem e que esta pode governar sobre o homem.

2. O homem foi criado com capacidade de raciocinar *Gên 2.15,19,20*. Conforme o relato bíblico, o homem não desenvolveu uma capacidade de raciocinar. É claro que ele ampliou seus conhecimentos, conforme foi vivendo e sobrevivendo. Mas já foi criado por Deus diferente dos outros seres do reino animal. Ele tinha a capacidade de raciocínio, de escolha, de racionalização. A Adão foi dada a incumbência de lavrar a terra, de produzir seu alimento através de um trabalho racional e inteligente. Coube, também, a Adão escolher os nomes de todos os animais que Deus criara. Isso é atividade intelectual que nenhum outro ser animal possui. Além disso, coube também

seres, fossem participantes com ele da criação do homem é único na história da criação narrada na Bíblia. Sabemos, pelo contexto bíblico, que o *logos* (designação de João para o ser divino eterno que se fez carne e que entrou na temporalidade para ser o Salvador da humanidade - João 1.1,2) estava presente e que foi o agente de toda a criação (João 1.3; Col 1.16); sabemos, também, que o Espírito Santo estava presente (Gên 1.2), inclusive por ser o Espírito de Deus e o Espírito de Cristo (Rom 8.9). É óbvio que a manifestação trina de Deus estava presente em toda a criação, mas, um dos aspectos que destaca a criação do homem como um ser especial para Deus, é o fato dessa plenitude de Deus estar registrada de maneira clara no relato da criação do homem, não estando em nenhuma outra narrativa.

O HOMEM FOI CRIADO POR UMA AÇÃO DIRETA E PESSOAL DE DEUS *Gên 2.7.*

Para toda a criação, com exceção do ser humano, há relato apenas de Deus falando, dizendo, pronunciando palavras para que as coisas passassem a existir. Mas, para a criação do homem o relato é diferente. Primeiro há o relato de Deus planejando como fazer o homem (Gên 1.26), depois o relato de Deus agindo pessoalmente na

formação do corpo do homem. O verbo empregado no hebraico, que é traduzido por “formou”, é *yatsar* e tem o sentido de **fabricar**, de **fazer existir através de um processo com participação pessoal**. É a mesma expressão utilizada, dentre outros textos, em Isaías 43.1 para referência ao processo da formação do povo de Israel e em Isaías 49.5, na referência à formação de um ser no ventre de sua mãe, pelo próprio Deus. Depois Deus deu do seu próprio Espírito ao homem, em uma relação direta e pessoal. Ainda em Gên 2.7, lemos que Deus **soprou** no homem o fôlego da vida. A expressão hebraica traduzida por *soprar* é *naphach*, que pode ser traduzido, também, por *respirar* e, assim, poderíamos ler que Deus **respirou** no homem o fôlego da vida. A expressão traz a idéia de uma relação interpessoal, próxima, em que Deus tirou algo de dentro de si próprio e colocou no interior da sua criatura. Nenhuma outra criatura tem a sua criação relatada dessa maneira. Somente o homem recebeu o fôlego da vida diretamente de Deus.

O HOMEM FOI CRIADO COMO MACHO E FÊMEA A PARTIR DE UM MESMO SER *Gên 1.27; 2.21,22.*

O homem, no sentido genérico, nem é somente macho, nem somente fêmea, mas é macho e fêmea. Não

simplesmente afastando-se de sua criação. Mas isso não acontece. Não porque o homem seja poderoso a ponto de ser capaz de exigir algo de Deus, ou seja merecedor de alguma coisa da parte dele, ou seja auto-suficiente para continuar vivendo e existindo, mas unicamente porque incluída na soberania de Deus está a sua misericórdia e é por causa dela que não somos consumidos (Lamentações 3.22), não somos completamente aniquilados.

Mas ainda há um aspecto da soberania de Deus que precisamos observar com atenção, pois é primordial para a existência do homem.

A SOBERANIA DE DEUS É O MOTIVO DA SALVAÇÃO DO HOMEM - Atos 17.30,31

Em seu discurso na cidade de Atenas o apóstolo Paulo faz referência a esta realidade para a humanidade. Ele fala da determinação, da justiça, do meio, da anunciação e da universalidade da salvação através do arrependimento dos pecados. Tudo isto vem de Deus, e é estabelecido por sua soberania.

Estudando as Escrituras com humildade e dependência de Deus, somos levados naturalmente a reconhecer que tudo no plano de salvação para o homem é estabe-

lecido pela soberania divina e que em nenhum ponto ela deixa de ser exercida. A formação e manutenção de um povo especial através do qual viria o Messias; a vinda do Salvador, o seu ministério no mundo, a sua morte e ressurreição; a formação da igreja, a anunciação da salvação, a regeneração e entrada no reino celestial dos salvos, e o juízo final com absolvidos e condenados, tudo isso manifesta e manifestará a soberania de Deus sobre todas as coisas.

A respeito disto, observemos com atenção:

1. Pela sua soberania Deus estabeleceu o meio de salvação.

Serão salvos todos os que crerem na sua Palavra, personificada, manifestada em seu Filho, Jesus Cristo. Crer em Jesus Cristo é o único meio de salvação (João 3.16,18 e outros). Em ninguém mais há salvação a não ser naquele que foi estabelecido por Deus. Ele o enviou, o sacrificou, o ressuscitou e o colocou como único meio de salvação.

2. Pela sua soberania Deus escolheu quem seria salvo.

Não escolheu individualmente porque assim estaria infringindo a sua própria soberania, porque por ela deu ao homem o privilégio do livre arbítrio, da livre escolha. Deus deu também ao homem o privilégio da responsabilidade por sua escolha.

Escolheu dentre toda a humanidade aqueles que, exercendo seu privilégio de escolha, de decisão pessoal, decidiram aceitar o meio de salvação oferecido por ele. Todo aquele que recebe Jesus como o Salvador enviado por Deus, é escolhido para a salvação, para se tornar filho de Deus (João 1.12; Ef 1.4-6).

3. Pela sua soberania Deus determinou o juízo final. Ele estabeleceu o limite de tempo para a existência da humanidade e, nesse limite, executará o seu juízo, mediante a sua própria justiça, que é perfeita. Tudo acontecerá pela sua soberania: O juiz é estabelecido por ele - é o seu próprio Filho; os referenciais para o julgamento - a sua Palavra; os destinos dos condenados e dos absolvidos - o inferno ou o céu; o tempo da condenação ou da salvação - a eternidade.

Sendo Deus soberano, não tem como o homem fugir de tudo o que Deus determinou, inclusive a respeito de salvação ou condenação; não tem como mudar o que foi determinado por ele. Ao homem resta apenas aceitar ou rejeitar a salvação que foi estabelecida pelo Deus soberano.

CONCLUSÃO

A soberania de Deus é algo estabelecido e definitivo. Não

adianta ao homem questioná-la, lutar contra ela ou querer alcançar soberania, também, porque Deus nunca abrirá mão da sua soberania e, sendo assim, nenhum ser em todo o universo, tenha que poder tiver, chegará a ser soberano.

O melhor para o homem é que ele reconheça essa soberania em Deus, que se submeta a ela e que desfrute dela recebendo a salvação e a regeneração ainda nesta vida, e a herança do reino dos céus no fim de sua vida. Melhor é que viva neste mundo com gratidão, respeito e prestação de serviço a Deus, que colocou o seu poder à disposição de seus servos, para que dependam dele e o sirvam com alegria e eficiência.

É melhor que reconheçam a misericórdia desse Deus soberano e desfrutem dela, glorificando o seu nome.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 14

Terça - 1 Crônicas 29

Quarta - Salmo 22

Quinta - Salmo 47

Sexta - Salmo 50

Sábado - Salmo 135

Estudo 9

O HOMEM, UMA CRIATURA ESPECIAL DE DEUS

Textos básicos: Gênesis 1.26,17 2.7,21,22

Que é o homem? Sentindo-se pequenino e, ao mesmo tempo, grato a Deus, o salmista fez esta indagação e ensaiou umas poucas respostas que lhe causavam admiração: “Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares.” (Salmo 8.4-8) Tinha a consciência de que o homem é um ser um pouco menor do que Deus e que é coroado de glória e honra pelo próprio Criador. Glória e honra que se manifestam no domínio sobre a criação de Deus e, conseqüentemente, na superioridade sobre essa criação.

Na ansiedade de conhecer o próprio homem, porém sem a humildade do salmista para reconhecer a graça divina em criar o homem, muitos têm conjecturado e têm diminuído a pessoa humana. Teorias (teorias mesmo, porque

nunca foram comprovadas e, cada vez que se tenta comprovar, mais distanciadas ficam da verdade) têm sido levantadas, com supostas provas falsificadas, que colocam o homem no mesmo patamar de outros animais, como se fosse apenas uma espécie “melhorada” por algum tipo de evolução casualmente acontecida.

No entanto, seria impossível o homem ser apenas um animal evoluído ao acaso - e isso nunca pôde ser provado por cientista algum -, porque o homem é um ser muito especial, criado por Deus. A Bíblia mostra que toda a criação foi muito especial para Deus, que tudo o que Deus fazia, era muito bom. Porém com o homem tudo foi diferente; a sua criação foi diferente de todas as outras. Observemos juntos.

O HOMEM FOI CRIADO PELA MANIFESTAÇÃO TRINA DE DEUS - Gên 1.26.

O registro de Deus fazendo um convite para que outro ser, ou outros

jugo romano. Para o povo judeu Jesus não era Deus.

YAHWEHYIR'EH

Essa expressão é comumente transliterada por Jeová-Jireh, e significa “Deus Proverá”. Apesar de ser muito utilizada na atualidade, principalmente em letras de cânticos de louvor, como se fosse um nome de Deus, também não é um nome dele, porém uma manifestação de confiança em Deus, pronunciada por Abraão quando deu nome ao lugar onde Deus substituiu seu filho por um cordeiro para ser sacrificado (Gen 22. 8,14).

CONCLUSÃO

1. Deus é um ser único cuja pessoa é definida pelo seu nome JEOVÁ. Não existe a realidade de que cada um reverencia a um deus com um nome, mas que no fim, é o mesmo deus. Não há outro Deus a não ser JEOVÁ. Esse é seu nome, que deve ser reverenciado, deve ser respeitado, como ele ordenou em seu mandamento. Não deve ser utilizado de maneira vã ou desrespeitosa, nem mesmo em frases ou palavras cujos significados não conhecemos.

2. Para nós, que vivemos no período do Novo Concerto, a referência a Deus é bastante porque sabemos que ele é único e não haveria

coerência em ficarmos explicando a que Deus adoramos, como se houvesse outros. Não há outro Deus, sabemos disso, vivemos isso e demonstramos isso referindo-nos a ele pela sua designação como ser.

3. O Senhor Jesus é o Filho de Deus e, como ele próprio declarou, é o próprio Deus, que se fez carne, e tem em seu nome o mesmo nome do Pai, que é o criador de todas as coisas: JEOVÁ. Devemos reverenciá-lo tanto quanto reverenciamos ao Pai.

4. Muitos “nomes” que são atribuídos a Deus são, na realidade, títulos atribuídos a ele ou referência a algum atributo do seu ser, como é o caso de El Elyon, El Shadai, Jeová-Jireh etc. Mas Deus tem um só nome pessoal que define seu ser, JEOVÁ.

Se desejar conhecer mais a respeito da divindade de Jesus, leia JESUS CRISTO, O AUTOR DA NOSSA FÉ, publicado por esta editora.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 12.1-7

Terça - Deuteronômio 6

Quarta - Salmo 83

Quinta - Êxodo 3

Sexta - Mateus 8.1-28

Sábado - Salmo 110

Estudo 6

DEUS, O SER SOBERANO QUE DESEJA SER CONHECIDO

Texto básico: Hebreus 1.1,2

Por si só o homem não conseguiria conhecer Deus, e isto porque é criatura e Deus é Criador; é finito, e Deus é infinito; é limitado, e Deus é ilimitado; é mortal, e Deus é imortal, e assim por diante. Não conhecendo Deus, o homem viveria à parte, distanciado do seu Criador, sem comunhão com ele, fugindo completamente aos propósitos divinos.

Ao contrário do que alguns pensam, Deus não criou o universo e, principalmente, o homem, e largou-o à sua própria sorte. Criou o homem e desde o início mostrou-se a ele, orientou e cuidou do ser que criara à sua imagem e semelhança. O que distanciou o homem de Deus -e não distanciou Deus do homem- foi o pecado praticado por Adão e Eva e seus descendentes, em ordem crescente ininterrupta. Mas Deus continuou se revelando de várias maneiras ao homem para que este pudesse conhecê-lo, mesmo que dentro de suas limitações.

O que vamos observar neste estudo é o desejo que Deus tem de

ser conhecido pelo homem e os diversos meios que criou e utilizou para isto.

DEUS SE REVELOU AOS HOMENS ATRAVÉS DE ATOS PESSOAIS

Ao longo da história mostrou-se através de poderosos atos que somente ele poderia realizar e que continuam sem explicação por parte da ciência humana até os dias de hoje, apesar de todo o avanço científico que experimentamos. Podemos citar aqui, primeiramente, o dilúvio (Gên 6, 7 e 8), quando fez com que toda a terra ficasse submersa sob água, fazendo expirar todo ser vivente, com exceção de uma família a quem protegeu pessoalmente. Podemos lembrar, também, de Deus apresentando-se pessoalmente a Abraão (Gênesis 17:1; 18:1-8); da abertura do Mar Vermelho para deixar passar em seco aos hebreus (Êxodo 14) e do fechamento no exato momento em que o exército dos egípcios ia

tentando atravessar também (Êxodo 14). E o que não dizer da abertura do rio Jordão (Josué 3,4) e da destruição dos muros da cidade de Jericó, considerados inabaláveis e intransponíveis (Josué 6)? Fôssemos ficar a lembrar de todos os atos poderosos de Deus revelando o seu poder e a sua pessoa, teríamos que transcrever aqui todo o Velho Testamento, tantas são as suas manifestações pessoais ao seu povo e à humanidade de um modo geral, deixando ordens, instruções e mensagens para o seu povo.

DEUS REVELOU-SE ATRAVÉS DOS SEUS PROFETAS

Com a incredulidade e o aprofundamento cada vez maior no pecado, o homem foi impedindo progressivamente que Deus se manifestasse a ele a fim de revelar-se pessoalmente. A santidade de Deus e o pecado do homem tornaram a comunhão cada vez mais difícil, ampliando cada vez mais o abismo entre Criador e criatura.

No entanto, mulheres e homens sinceros e leais ao Deus único e verdadeiro sempre existiram dentre a humanidade, apesar de, às vezes, estarem rodeados de pessoas completamente iníquas. Destes homens e mulheres Deus sempre levantou aqueles que seriam seus porta-vozes ou profetas. Aqueles que transmitiriam com fidelidade a

sua Palavra tão necessária para que o homem continuasse a conhecê-lo e aos seus mandamentos.

Moisés, por exemplo, recebeu a incumbência de escrever o que Deus fazia pelo seu povo e o que Deus mandava que seu povo fizesse. Viveu com Deus, conversou e argumentou com ele, inclusive em prol de um povo perverso, que sempre se afastava do Senhor.

Estes homens eram capacitados por Deus e, por mais difícil que fosse, eles sempre falavam e viviam a Palavra de Deus. Admoestavam reis, sacerdotes, o povo de um modo geral. Apontavam para a natureza de Deus, sua bondade, poder, vontade, justiça, promessas e planos.

DEUS REVELOU-SE ATRAVÉS DO FILHO

A revelação pessoal máxima de Deus é o seu Filho. Individualizado e corporificado nele, Deus apresentou-se ao homem chegando até ele, vivendo como um homem. Através do Filho revelou-se definitivamente como ser pessoal, que ama, que é benigno, que tem poder, que é verdadeiro, que é justo e que é eterno.

Deus revelou-se física e pessoalmente ao homem, e o que é infinitamente maravilhoso, tornando-se carne como nós, adquirindo a

mostram que YAHWEH é o único nome de Deus.

YAHWEH é o nome pelo qual Deus era conhecido dos patriarcas. Abraão, mesmo vivendo em uma sociedade pagã, adoradora de muitos deuses, adorava o Deus verdadeiro, e o conhecia pelo seu nome (Gênesis 12:8). É o nome pelo qual Deus se apresentou a Moisés, dizendo: “Assim dirás aos filhos de Israel: JEOVÁ, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.” (Êxodo 3.15) É o nome que significa a personalidade de Deus, que identifica o ser divino que criou todas as coisas.

Sendo YAHWEH o nome pessoal de Deus, que identifica a sua pessoa, impressiona o fato de ser esse nome atribuído, também, ao Messias já no Velho Testamento, como em Jeremias 23. 5,6: “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: JEOVÁ, Justiça Nossa.”

Outra prova de que o Filho tem o mesmo nome do pai é o fato de que o

título SENHOR, que no Velho Testamento é aplicado a JEOVÁ, é atribuído a Jesus no Novo Testamento por pessoas que se aproximaram dele reconhecendo sua divindade (Mateus 8.2,6,21), por seus discípulos (Mateus 8.25), pelos seus apóstolos - Pedro em várias ocasiões se dirigiu a Jesus chamando-o de “Senhor” (Mateus 17.4; Lucas 5.8; 12.41 e outros) -, e até por ele próprio (Mateus 7.21,22; 21.3; Marcos 5.19; 12.35). Na última passagem o Senhor Jesus questiona o fato de os escribas dizerem que ele é homem comum, da descendência de Davi, e assume ser ele próprio o Senhor a quem Davi se referiu em seu salmo (Salmo 110.1,2).

Ao contrário, o povo judeu em geral - como podemos observar na multidão de judeus que ovacionaram Jesus na sua entrada em Jerusalém - não reconheciam que ele era o próprio Deus, porém o reconheciam apenas como um enviado especial de Deus. Vejam o que eles gritavam: “*E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!*” (Mateus 21:9). Para eles Jesus era um grande homem, era o Messias de Deus, mas era somente alguém que vinha em nome de Deus, como seu mandatário para libertar seu povo do

ELOIM

É a forma plural de *El*, expressão utilizada por povos antigos para designar a divindade e que aparece nos escritos babilônicos, fenícios, aramaicos, arábicos e hebraicos. Seria a forma correlata da palavra *Theos* no grego, *Deo* no latim e Deus em nossa língua. É derivada de uma raiz que designa força ou poder.

Eloim é a forma que foi utilizada por Moisés na sua primeira referência a Deus, em toda a narrativa da criação e em todo o Pentateuco. Também é a forma que foi utilizada por todos os escritores do Velho Testamento, levando estudiosos a interpretarem como sendo uma referência à trindade divina, já que não haveria razão aparente para designação no plural. Somente Moisés e os escritores do Velho Testamento utilizam essa forma plural para se referir a um só ser, a um só Deus, fugindo completamente ao costume dos povos antigos.

Essa realidade de existência de um conceito hebreu da pluralidade de um único ser pode ser demonstrado, por exemplo, no texto de Deuteronômio 6.4, onde há a afirmação de que Deus (Eloim) é único.

EL Elyon, que aparece algumas vezes no Velho Testamento e alguns

gostam de utilizar como se fosse um nome de Deus, não era propriamente um nome, porém um título atribuído a Deus, que o define. Era o título de Deus conforme adorado por Melquisedeque e quer dizer Deus Altíssimo. É encontrado, por exemplo, em Números 24.16.

YAHWEH

Em nossas versões na língua portuguesa da Bíblia, a maioria das referências ao nome de Deus, YAHWEH (transliterado para a língua portuguesa como JEOVÁ), está substituída pela expressão SENHOR (no hebraico, ADHONAY). Isto porque os escribas (homens encarregados de copiarem as Escrituras), após o exílio babilônico, adquiriram tanto respeito ao nome de Deus e passaram a considerá-lo tão sagrado que o substituíram por esta expressão que denota sua grandiosidade e poder.

YAHWEH é, na realidade, o nome próprio de Deus. Existem textos bíblicos que deixam isso de maneira bem clara, como, por exemplo, Salmo 83.18: “E reconhecerão que só tu, cujo nome é JEOVÁ, és o Altíssimo sobre toda a terra.” e Isaías 42.8: “Eu sou JEOVÁ, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra às imagens de escultura.” São textos bem diretos e

mesma natureza e habitando, mesmo que temporariamente, entre nós (João 1:1-14). Não que nunca houvesse se revelado através daquele que se convencionou chamar de “segunda pessoa da Trindade”, o Filho, ou como João prefere chamar, o *Logos* (em nossas versões, o *Verbo*). Referindo-se ao Filho, o próprio João afirma que o *Verbo* estava com Deus desde o princípio, que era o próprio Deus e que todas as coisas foram feitas por ele. Há vários registros no Velho Testamento do que, também se convencionou chamar, *Theofanias* (aparições de Deus), em que ele se revela a homens conversando, assentando-se, caminhando junto etc (p. ex. ver Gên 18; Juizes 6 e outros) e não há dúvidas de que apresentou-se ao homem através da sua imagem, da sua forma (Col. 1.15). No entanto, nos tempos antigos, não se fizera homem, não se limitara à temporalidade e a todas as limitações humanas.

Através dessa revelação tão pessoal, e através do Filho, Deus sentiu as limitações humanas e pôde, através do seu próprio sacrifício pessoal, libertar o homem dos seus sofrimentos conseqüentes do pecado, ainda neste mundo e, muito mais, na eternidade.

O autor da carta aos Hebreus mostra, em breves e profundas palavras, Deus se revelando ao homem de muitas maneiras no

passado, porém se revelando através do Filho (Heb 1.1,2) no presente (tempos em que a carta foi escrita). João, o Batista, apontou Jesus como sendo a revelação de Deus (João 1.18) e o próprio Senhor Jesus, por diversas vezes, apresentou-se como sendo a revelação visível do Pai (p. ex. João 8.58; 14.4-11).

DEUS SE REVELOU ATRAVÉS DAS ESCRITURAS

O Senhor Jesus, em vários momentos do seu ministério terreno, atestou pessoalmente o valor das Escrituras para o conhecimento da sua pessoa e, é lógico, de Deus e o seu plano de salvação para o homem (Mat 21.42; 22.29; 26.54; Luc 4.21; 16.29; 24.27, 32, 45; João 5.39 e outros), e as respeitava como sendo a própria Palavra de Deus (João 10.35). Seus apóstolos também o fizeram e há inúmeras referências às Escrituras nos escritos do apóstolo Paulo juntamente com outros, demonstrando que confiavam nelas como sendo a revelação de Deus para a humanidade (Rom. 4.3; 9.17; 10.11; 11.2; Gál. 3.8; 3.22; 4.30; 1Tim. 5.18; 2Tim. 3.16; Tiago 2.23; 4.5; 1Ped. 2.6; 2Ped. 1.20). Segundo Jesus e seus apóstolos, não há dúvidas de que as Escrituras são inspiradas por Deus, e que é onde encontramos a sua Palavra escrita; que são a sua revelação mais completa ao homem. Completa no sentido de conterem tudo o que o

homem precisa saber a respeito do seu Criador - sua natureza, seu caráter, suas ações em prol da humanidade - e, também, no sentido de levar esse conhecimento a limites definidos da revelação divina. A Bíblia registra desde a criação do mundo até o seu final e estabelece de modo claro e definido o meio que Deus providenciou para que o homem seja salvo da destruição, do sofrimento eterno.

Quando afirmamos que a Bíblia é o mais completo meio de revelação de Deus ao homem reconhecemos que há quem discorde, afirmando que antes da Bíblia Jesus é esse meio mais completo de revelação de Deus. No entanto, podemos reconhecer que Jesus é a revelação pessoal mais perfeita de Deus ao homem (e vimos isso no tópico anterior), mas que a Bíblia é a mais completa, inclusive por sabermos de Jesus através dos registros Bíblicos. E o próprio Senhor atestou isso, afirmando que as Escrituras testificam dele (João 5.39).

Conforme o salmista disse, a natureza manifesta a glória de Deus (Salmo 19.1), e Paulo declarou que os homens são indesculpáveis pois a deidade e o eterno poder de Deus se fazem visíveis desde a criação do mundo (Rom 1.19,20), porém podemos dizer, com segurança, que as coisas criadas não nos ensinam, a respeito de Deus, tudo o que

precisamos saber. Mas as Escrituras sim. Contém tudo o que precisamos saber a respeito de Deus.

CONCLUSÃO

Apesar de toda a sua grandiosidade infinita, de sua onipotência, de sua eternidade, de sua espiritualidade e santidade, de sua transcendência perfeita, de sua soberania, enfim de sua natureza única divina em todo o universo, Deus é o ser supremo que deseja ser conhecido pela sua criação, por aqueles que foram feitos por ele, à sua imagem, conforme a sua semelhança. Deseja ser conhecido e, conseqüentemente, deseja que tenhamos comunhão com Ele. Nesse seu desejo, fez tudo o que era possível para que o homem o buscasse, o encontrasse, o conhecesse e pudesse viver como seu filho, herdeiro do seu reino universal. Agora cabe somente ao homem utilizar o que está à sua disposição, providenciado por Deus e buscar conhecê-lo cada vez mais e viver para glorificá-lo eternamente.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Êxodo 3;
Terça - Êxodo 14;
Quarta - 1Samuel 3;
Quinta - João 1.19-34;
Sexta - João 5.30-47;
Sábado - 2Timóteo 3

Estudo 8

O NOME DE DEUS

Textos básicos: Gênesis 1.1; 2.4; 12.1-7; Êxodo 20.7

Ao estabelecer seus mandamentos Deus ordenou que **o seu nome** não fosse tomado em vão. Por isso há pessoas que têm muito cuidado em não se referir a ele de maneira imprópria, em momentos ou situações que poderiam ser consideradas vãs para o pronunciamento do nome do Criador. Acontece que o cuidado que se tem é com a palavra **Deus** que, na realidade não é um nome, propriamente dito, porém um substantivo que designa a espécie de um ser, tanto quanto homem também é um substantivo que designa a espécie de um ser.

Para os cristãos essa designação tem sido considerada o nome do ser espiritual supremo, soberano, criador e sustentador de todas as coisas, porque sabemos que Ele é único como ser em todo o universo, sabemos que não há outro Deus, apesar de tantos crerem na existência de diversos deuses. Por isso, para nós é bastante utilizarmos a expressão Deus para nos referirmos a ele, porque não há uma

pluralidade de divindades em nossa mente.

Para Moisés também era assim. Apesar de ter vivido entre os egípcios, um povo que tinha o costume de adorar vários deuses, ele tinha convicção da existência de um só Deus e iniciou seus escritos que deram início à Bíblia, referindo-se à divindade como sendo um ser pessoal único e definido, sem a necessidade, portanto, de fazer referência a um nome próprio. Por isso escreveu: *“No princípio criou Deus...”*. Também por esse sentimento de unicidade de Deus os escritores continuaram utilizando a designação do ser (Deus) como se fosse seu nome próprio, inclusive através do Novo Testamento.

No Velho Testamento, Deus recebe duas designações principais em hebraico: *Eloim* (traduzido por Deus) e *Yahweh* (transliterado para a língua portuguesa como JEOVÁ). No Novo Testamento recebe apenas uma designação, em grego, *Theos* (traduzido como Deus) sobre as quais discorreremos a seguir.

ensinando todas as coisas aos seus discípulos. Continuariam sendo seus discípulos, sob o aprendizado do Espírito Santo. Discípulos de Cristo ensinados pelo Espírito Santo, são os mesmos discípulos.

CONCLUSÃO

A doutrina da *Trindade* é, de fato, de difícil compreensão para a mente humana. É impossível ao homem compreender como um ser pode se individualizar em duas manifestações distintas e completamente diferentes, dando-lhes individualidade pessoal e, ao mesmo tempo, continuando ser Ele próprio. Mas é uma doutrina encontrada na Bíblia e, portanto, deve ser aceita como é.

Algumas coisas, através da Bíblia, podemos vislumbrar e aceitar como realidade, sem especularmos as causas: 1) que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são uma realidade, que Deus Filho é a manifestação individualizada e visível de Deus, que tem uma forma, um corpo celestial; 2) que Deus Espírito é uma manifestação individualizada invisível de Deus, que age na vida da humanidade, que habita no crente em Cristo Jesus, que consola, que está presente em todos os momentos de sua vida, que é o próprio Deus habitando em seu servo; 3) que Deus, em sua natureza trina estava

presente na criação, nas manifestações à humanidade, na condução da história, na formação do povo de Deus, no estabelecimento das leis de Deus para a humanidade, na encarnação do Verbo, do Filho eterno de Deus, na sua capacitação durante o seu ministério, na capacitação e conforto dos discípulos de Cristo, na formação e capacitação da igreja de Cristo para a pregação do evangelho.

Podemos compreender e aceitar que Deus, em sua natureza trina, continuará sendo assim por toda a eternidade e que aqueles que se fizerem seus servos, através do seu Filho Jesus Cristo, poderão continuar desfrutando da presença trina de Deus em suas vidas por toda a eternidade.

“A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem. Porque por ela os antigos alcançaram testemunho. Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.” (Heb 11.1-3)

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 3:1-22

Terça - Isaías 6.1-8

Quarta - Salmo 2

Quinta - Isaías 9

Sexta - João 1

Sábado - João 14

Estudo 7

A NATUREZA TRINA DE DEUS

Textos básicos: Gên 1.2; Mat 28.20; João 14

Reconhecidamente Deus se revela aos homens através da natureza (Salmo 91.1; Rom 1. 18-20), porém não é um tipo de revelação que pode deixar claros todos os aspectos dele. Através da natureza pode-se observar o poder, o amor, o cuidado, a glória, a grandeza de Deus, mas não se pode observar aspectos pessoais tão incríveis para o homem como a sua natureza trina. O homem não poderia descobri-la somente através da observação da natureza, uma vez que está além da capacidade especulativa e imaginativa do homem, porque foge completamente a tudo o que lhe é natural. Poderíamos dizer que é uma doutrina sobrenatural se vista sob o prisma humano, porém natural, sob o prisma divino.

Homens sem uma experiência de conversão, ou sem a convicção de que a Bíblia é a Palavra de Deus, questionam com tranquilidade ou não compreendem a realidade da natureza trina de Deus. Mas é uma realidade revelada nas Escrituras, conforme veremos.

A NATUREZA TRINA DE DEUS ESTÁ REVELADA NA BÍBLIA

A natureza trina de Deus não é uma doutrina inventada ou descoberta pelos homens. Daí ser uma característica de Deus que necessitou de uma revelação especial dele para o homem, que deu a este somente a tarefa de recebê-la e aceitá-la; procurando conhecer, porém aceitá-la como está na revelação através das Escrituras.

Teologicamente, a doutrina da natureza trina de Deus é denominada *trindade*, termo derivado do grego *trias*, utilizado pela primeira vez por Teófilo de Antioquia, no segundo século da era cristã, que deu origem a forma latina *Trinitas*, utilizada por Tertuliano em torno de 220 A.D., não sendo, assim, um termo encontrado na Bíblia. Daí opositores à doutrina afirmarem que o conceito da natureza trina de Deus é originário do paganismo.

No entanto, a sua realidade está registrada nas páginas da Bíblia, desde o Velho até o Novo Testamento.

NOVELHO TESTAMENTO

Como foi dito anteriormente, há passagens que demonstram essas manifestações, tanto no Velho quanto no Novo Testamento. Eis algumas passagens do Velho Testamento que devem ser observadas com atenção a respeito deste assunto:

1) Gênesis 1.1,2,26; 6.3. “No princípio, criou **Deus** os céus e a terra.” “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o **Espírito de Deus** pairava por sobre as águas.” “Também disse **Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança**” “Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não agir^a para sempre no homem...” Nos versículos 1 e 26, Deus está no plural - no hebraico está *Elohim*, que está no plural -; no versículo 26 encontramos Deus, o Criador, fazendo uma convocação no plural, demonstrando a presença de mais de uma pessoa na criação; no versículo 2 do capítulo 1 e 3 do capítulo 6, está clara a distinção do Espírito como sendo da pessoa de Deus.

2) Salmo 2.7; Miq 5.2 “...Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.”; “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da

eternidade”. No primeiro texto encontramos a afirmação divina de que gerou o seu Filho em um tempo que chama “hoje”, que significaria o eterno presente. No segundo texto observamos que não poderia ser uma referência ao nascimento do Filho quando se fez carne porque a sua existência já era uma realidade desde a eternidade.

NO NOVO TESTAMENTO

Aqui os textos são mais abundantes e mais claros, principalmente nos ensinamentos de Jesus. Há uma clara referência à unidade trina de Deus no batismo de Jesus (Mat 3.16,17), na sua ordem para que seus discípulos batizassem em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; referência ao Espírito Santo como sendo o Espírito de Deus e do Filho (Rom 8.9). No entanto, vamos encontrar textos em que Jesus deixa indiscutivelmente clara a realidade da natureza trina de Deus.

Em João 14 lemos de Jesus ensinando tanto a sua unidade com o Pai, quanto a sua unidade com o Espírito Santo. Seus ensinamentos aos seus discípulos são claros quanto a realidade, revelam essa natureza trina do Pai, apesar de não explicar como isso pode ser uma realidade. Ou seja, o Senhor Jesus não está preocupado em ensinar aos homens os mistérios de Deus quanto ao seu modo de ser, porém mostra somente o que se deve aceitar. Exemplos:

João 14:1-15 Jesus ensina a sua unidade com o Pai, inclusive o fato de quem vê a Cristo, vê ao Pai. Ensina, portanto, a sua função, como Filho, de revelar pessoalmente o Pai. Ver Colossenses 1:15 e Hebreus 1:3

João 14:16-18,26,27 Jesus ensina a sua unidade com o Consolador, o Espírito Santo. Ensina a sua unidade quanto a habitação no crente através do Espírito (v. 17,18,28); quanto aos ensinamentos (v. 26); quanto ao conforto (v. 16).

a) Deus Pai e Deus Filho habitam nos seus servos através da habitação do Espírito Santo João 14:17,18,23,28. O Senhor Jesus subiu de volta aos céus cerca de 40 dias após sua ressurreição, para voltar somente no dia do juízo final (Atos 1:3,10,11; Mat 25:31,32) quando assumirá a função de juiz de todos os vivos e mortos. No entanto prometeu que não deixaria seus discípulos “órfãos” e que voltaria para eles (v. 18) e que, ao mesmo tempo que estaria no Pai, estaria também em seus servos (v. 19) e que, ainda juntamente com o Pai, faria morada naqueles que guardassem a sua palavra (v. 23). Além disso, antes de subir aos céus, prometeu que estaria com seus discípulos todos os dias, até que os séculos acabassem (Mat. 28.20).

b) O Filho, Jesus Cristo, continua confortando seus discípulos através do Espírito Santo v. 16,26.

Nos momentos de grande angústia de seus discípulos, Jesus estava sempre presente ou observando à distância, esperando o momento preciso de agir. Não poderíamos citar todos os trechos de seu ministério registrados pelos evangelistas, mas podemos lembrar de alguns, pelo menos, tais como a tempestade no Mar da Galiléia, quando Jesus dormia no barco (Mat 8.23-28 e refs); a ocasião em que Jesus andou sobre o mar para ir ter com seus discípulos que estavam navegando com grandes dificuldades por causa de grande vento contrário (João 6.15-21); a própria ocasião em que instituiu a Ceia e disse que se ausentaria, passando a seguir a confortar seus discípulos (João 14:1). Ao anunciar sua partida, anuncia, também, que estaria rogando a Deus para que desse outro Consolador os seus discípulos e define que o Consolador é o Espírito Santo de Deus (v. 26). Em todo o texto se identifica com o Consolador, como sendo a sua própria manifestação individualizada no crente. Chega mesmo a dizer que estaria deixando a sua paz para os seus discípulos, ao se referir ao seu Espírito (v. 27).

c) O Filho, Jesus Cristo, continua ensinando seus discípulos através do Espírito Santo v. 26. A função de ensinar é do Mestre. Jesus era o Mestre de seus discípulos, mas ele anunciou que o seu Espírito estaria